

ANA REGINA BRANCO DE MIRANDA

**EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES/AS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
SISTEMÁTICA NAS BASES CAPES E IBICT ENTRE 2000
E 2020**



ARARAQUARA – SP
2021

ANA REGINA BRANCO DE MIRANDA

**EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES/AS: UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA NAS BASES
CAPES E IBICT ENTRE 2000 E 2020**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual. Exemplar apresentado para exame de Defesa.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva

ARARAQUARA – SP

2021

M672e Miranda, Ana Regina Branco de
Educação Sexual e formação de professores: uma revisão
bibliográfica sistemática nas bases Capes e IBICT entre 2000 e 2020 /
Ana Regina Branco de Miranda. -- Araraquara, 2021
104 p. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Ricardo Desidério da Silva

1. Educação Sexual. 2. Formação de professores. 3. Práticas
docentes. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ANA REGINA BRANCO DE MIRANDA

**EDUCAÇÃO SEXUAL E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES/AS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
SISTEMÁTICA NAS BASES CAPES E IBICT ENTRE 2000
E 2020**

Data da Defesa: 15/09/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva
Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campus de Apucarana.

Membro Titular: Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Andréa Cristina Martelli
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Cascavel

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico essa dissertação aos meus pais, *Ciro (in memoriam)* e *Bernadete*, que sempre me apoiaram, incentivaram e vibraram com minhas vitórias, acreditando na capacidade de realizar meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, por permitir que eu vivesse nesse momento do mundo, evoluindo e aprendendo com tudo isso.

Aos meus pais, Ciro (in memoriam) e Bernadete, que sempre me apoiaram nessa jornada. Meu pai, mesmo nos seus últimos suspiros de vida, vibrava com cada página escrita dessa dissertação.

À minha irmã Aline, que sempre me incentivou nessa empreitada e me deu forças quando tudo parecia difícil.

Ao meu irmão Ciro que, mesmo de longe, me apoiava nessa caminhada.

Ao meu filho Rafael, que sempre se orgulhou de sua mãe “viciada em estudar”.

Ao meu orientador, Ricardo Desidério, que foi mais que um professor, foi um amigo que soube entender todos os momentos difíceis que vivi no decorrer do mestrado.

Ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual, que me proporcionou aprofundar os estudos e obter conhecimentos sobre a sexualidade, assim como a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Araraquara.

Aos professores do programa, os quais tive a honra de conhecer e trocar aprendizados.

Aos professores Andreza M. Leão, Paulo Rennes Ribeiro e Mary Neide D. Figueiró, que foram minhas primeiras referências sobre Educação Sexual, minhas inspirações em projetos e meus ídolos em congressos.

Aos amigos que conheci através do programa, pelas conversas, almoços, congressos, risadas, choros e por tudo o que vivenciamos juntos. Obrigada por tudo!!!

À minha grande amiga Tatiana Noronha, que me fez entender minha capacidade e me incentivou a seguir até o fim.

Aos membros da banca de qualificação e defesa, pelas críticas construtivas que foram fundamentais para o enriquecimento do trabalho. Meu muito obrigada a Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão, Profa. Dra. Andréa Cristina Martelli, Profa. Dra. Débora Raquel da Costa Milani e Profa. Dra. Ana Cláudia Figueiredo Rebolho.

Aos meus alunos do projeto de Educação Sexual na escola, que me ensinaram muito sobre a vida e me deram estímulos para seguir essa luta temática.

A todos que, direta ou indiretamente, me auxiliaram, incentivaram, cooperaram, nesses anos de estudos sobre a sexualidade.

Enfim, gratidão por tudo que vivi e a todos que viveram comigo esse período de aprendizado, estudos, conhecimentos, evolução.

Meu muito obrigada!!!

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou foi marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática. ”

Paulo Freire (1991, p. 58)

PALAVRAS INICIAIS

Minha trajetória com a Educação Sexual já vem de alguns bons anos. No curso de Psicologia realizado na UFU (Universidade Federal de Uberlândia) de 1993 a 1997, já me questionava sobre a relação entre as doenças psíquicas e a sexualidade. Nos atendimentos da clínica, também me atentava para a sexualidade dos pacientes. Foi quando participei do I Simpósio Paraná-São Paulo, promovido em Araraquara (SP), ouvi uma palestra do Prof. Dr. Paulo Rennes e comecei a ler mais sobre o tema sexualidade.

Anos se passaram e fui cursar Pedagogia por gostar muito de mediar conhecimentos. Em 2015, no meu primeiro ano do curso na Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto), surge um processo seletivo para participar do Pibid (Programa institucional de bolsas de iniciação à docência), através da Capes. Passei na seleção e começamos o trabalho. A escola na qual desenvolvemos o trabalho era uma escola municipal de Ribeirão Preto (SP). Na primeira reunião, a diretora já apontou a dificuldade principal como sendo questões ligadas à sexualidade dos alunos (palavrões escritos nas paredes dos banheiros, “nudes” pelo celular, gravidez precoce, entre outras). Como já possuía experiência como psicóloga, aceitei o desafio de montar um projeto para trabalharmos esse tema com os alunos do 5º ano.

Fui à busca de materiais que pudessem me nortear nesse trabalho. Encontrei um minicurso que a Profa. Dra. Andreza Leão iria ministrar na Unesp de Araraquara. Fiz esse curso e tive o prazer de conhecê-la pessoalmente. Então, obtive várias ideias para realizar o projeto que já estava em andamento. Em seguida, comecei a participar de congressos, apresentar trabalhos sobre esse projeto e fui me apaixonando pela Educação Sexual na escola. Os professores Andreza Leão e Paulo Rennes, coordenadores do curso, sempre me falavam do mestrado em Educação Sexual na Unesp de Araraquara (SP) e a minha ideia sempre foi terminar a Pedagogia para prestar o mestrado. Esse projeto do Pibid foi desenvolvido por 3

anos, devido aos resultados positivos apresentados, tendo sido ampliado para as turmas de 4º e 6º anos.

Conforme o projeto foi ganhando espaço e visibilidade, percebi a dificuldade dos professores em trabalhar a sexualidade com seus alunos. Resolvi, então, entender quais eram essas dificuldades, pois sempre escutei dos/as professores/as frases como: “a Educação Sexual não é papel da escola”, “não tivemos esse tema em nossa formação inicial”, “tenho dificuldades pessoais em tratar desse tema”, “não dá tempo, pois o conteúdo a ser passado é extenso”, “não sei como encaixar esse tema na minha disciplina”, “falta de conhecimento sobre o tema”, entre outras respostas para justificar o trabalho inexistente com a Educação Sexual.

Com isso, percebi que a falta de recursos metodológicos, devido à formação inadequada dos/as professores/as nesse aspecto, era um fator de grande relevância para não se exercer a Educação Sexual na escola. Parti então para a proposta do meu projeto de mestrado, por meio da qual eu deveria estudar metodologias para que o professor se sentisse mais preparado para trabalhar com seus alunos o tema da sexualidade, o qual é de extrema importância para nossos jovens. Com a inserção do conservadorismo de direita do governo, os projetos e trabalhos voltados a Educação Sexual passaram a ser mais cerceados. Sendo assim, a pesquisa se restringiu ao trabalho bibliográfico sistemático, para que fosse possível entender como estavam os estudos sobre as práticas metodológicas utilizadas na formação de professores/as.

Ao ver, diariamente, notícias relacionadas a preconceitos e discriminações com as questões de gênero, homofobia, pedofilia, violências sexuais, feminicídio, entre outras; me propus a continuar na luta para atingir novos entendimentos e conhecimentos quanto ao tema e exercer minha proposta de trabalho que é educar, transformando nossos/as jovens em cidadãos/ãs éticos/as, sem preconceitos com as diversidades, conscientes de seu próprio corpo e seus desejos, críticos e com argumentos para discutir sobre qualquer assunto, quiçá contribuir para se ter no Brasil igualdade de gênero.

RESUMO

Abordar as questões relacionadas à temática da sexualidade ainda não é tarefa fácil, uma vez que somos pertencentes a uma sociedade repleta de tabus, preconceitos e marcada por uma cultura um tanto conservadora, que dificulta este processo de ensino e aprendizagem na mediação professor/aluno cotidianamente. Por essa razão, o presente estudo tem como objetivo identificar e analisar as produções acadêmicas sobre as práticas na formação de professores/as em Educação Sexual a partir de uma revisão bibliográfica sistemática no Portal de Periódicos Capes e IBICT entre 2000 e 2020. Foram selecionados 6 artigos e 20 teses e dissertações, porquanto se empregou na seleção destes trabalhos os seguintes critérios: pesquisas que tratem da formação de professores/as em Educação Sexual, que descrevam práticas que vem sendo utilizadas para essa formação e que discutam abordagens metodológicas na formação de professores/as em Educação Sexual. Nos resultados obtidos, pode-se constatar que foram utilizados vários recursos metodológicos para a execução das formações. Tais recursos foram agrupados nas seguintes categorias: 1) Audiovisuais; 2) Oficinas; 3) Autoconhecimento; 4) Autoexpressão e 5) Métodos tradicionais. Nas análises das categorias, pode-se observar que os recursos metodológicos são necessários para a problematização e provocação de ideias, argumentos e reflexões, visto que cada recurso utilizado tem sua função e importância dentro da formação de professores/as. No entanto, se for feita uma associação desses recursos, pode-se chegar a uma maior eficácia do aprendizado. Ao final desse trabalho, salienta-se a importância da Educação Sexual na escola, para que os alunos possam vivenciar sua sexualidade com mais responsabilidade, respeito e prazer. Para isso, entende-se que é fundamental a formação de professores/as direcionada a essa temática, de maneira que se possa ter mais embasamento para mediar tais conhecimentos com seus/as alunos/as. Portanto, a luta para introduzir a Educação Sexual à escola é ainda mais árdua na contemporaneidade. São estas

motivações que tornam necessários mais estudos para aprimoramento das práticas nas formações iniciais e continuada de professores/as.

Palavras-chave: Educação Sexual. Formação de professores. Práticas docentes.

ABSTRACT

Addressing issues related to the theme of sexuality is still not an easy task, since we belong to a society full of taboos, prejudices and marked by a somewhat conservative culture, which makes this teaching and learning process in daily teacher/student mediation difficult. For this reason, this study aims to identify and analyze academic productions on practices in the training of teachers in Sexual Education from a systematic literature review in the Capes and IBICT Periodical Portal between 2000 and 2020. 6 were selected. articles and 20 theses and dissertations, as the following criteria were used in the selection of these works: research that deals with the training of teachers in Sexual Education, that describe practices that have been used for this training and that discuss methodological approaches in the training of teachers in Education Sexual. In the results obtained, it can be seen that several methodological resources were used to carry out the training. Such resources were grouped into the following categories: 1) Audiovisual; 2) Workshops; 3) Self-knowledge; 4) Self-expression and 5) Traditional methods. In the analysis of the categories, it can be observed that the methodological resources are necessary for the problematization and provocation of ideas, arguments and reflections, since each resource used has its function and importance within the training of teachers. However, if these resources are combined, greater learning effectiveness can be achieved. At the end of this work, the importance of Sexual Education at school is highlighted, so that students can experience their sexuality with more responsibility, respect and pleasure. For this, it is understood that it is essential to train a teacher directed to this theme, so that one can have more grounding to mediate such knowledge with their students. Therefore, the struggle to bring Sex Education to school is even more arduous nowadays. It is these motivations that make further studies necessary to improve practices in initial and continuing teacher education.

Keywords: Sex Education. Teacher training. Teaching practices.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Palavras-chave – Artigos do Portal de Periódicos Capes	54
Gráfico 2 Palavras-chave – Teses e Dissertações do IBICT	55
Gráfico 3 Modalidade presencial e/ou EAD - Artigos Portal de Periódicos Capes	56
Gráfico 4 Modalidade presencial e/ou EAD – Teses e Dissertações do IBICT	57
Gráfico 5 Formação Inicial e/ou Continuada – Artigos do Portal de Periódicos Capes	60
Gráfico 6 Formação Inicial e/ou Continuada – Teses e Dissertações do IBICT	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Descrição dos artigos do Portal de Periódicos Capes	63
Quadro 2 Descrição das Teses e Dissertações do IBICT	68
Quadro 3 Recursos metodológicos utilizados nas práticas docentes	81

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacional
ISTs	Infecções sexualmente transmissíveis
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
CAPES	Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
EAD	Ensino à Distância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
1.1 Justificativa	24
1.2 Problema da Pesquisa	24
1.3 Objetivo	25
1.3.1 Objetivos Específicos	25
2 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL	26
2.1 O que é sexualidade?	27
2.2 Educação Sexual na escola	30
3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS)	41
4 MÉTODO	47
4.1 Tipo de Pesquisa	47
4.2 Objeto de Análise	49
4.3 Procedimentos	50
4.4 Análise dos dados	51
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	53
5.1 Palavras-chave	53
5.2 Modalidade presencial e/ou EAD	56
5.3 Formação inicial e/ou continuada	59
5.4 Descrições dos estudos selecionados	63
6 ANÁLISE DAS CATEGORIAS	81
6.1 Categoria 1 – Recursos audiovisuais	83
6.2 Categoria 2 – Oficinas	85
6.3 Categoria 3 – Autoconhecimento	86
6.4 Categoria 4 – Autoexpressão	87

6.5 Categoria 5 – Métodos tradicionais	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	93

1 INTRODUÇÃO

A Educação Sexual ainda é vista com muitos preconceitos e tabus. Há pessoas que ainda acreditem que se trata de ensinar sexo para as crianças. Contudo, seu objetivo é desenvolver no indivíduo e no grupo a capacidade de analisar de forma crítica sua sexualidade, de decidir ações conjuntas para resolver problemas e modificar situações, de organizar e realizar ações que envolvam a temática e de avaliá-la com espírito crítico (Leão, 2009; Figueiró, 2014; 2018).

Abordar as questões relacionadas à temática da sexualidade ainda não é uma tarefa fácil, uma vez que se pertence a uma sociedade repleta de tabus, preconceitos e marcada por uma cultura um tanto conservadora, na qual faltam políticas públicas e debates com a sociedade sobre a temática. Em verdade, são inúmeros aspectos que influenciam nessa caminhada de promover o autoconhecimento e tornar esse assunto livre de amarras heteronormativas e conservadoras, uma trajetória árdua dos docentes que tentam atravessar essas barreiras do conservadorismo (Figueiró, 2014; 2018).

Os PCN (1997), que foram um marco importante para a efetivação de programas na área, apontavam que “a sexualidade forma parte integral da personalidade de cada um e que é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida” (p.295). No entanto, ainda se percebe uma tentativa de silenciar a sexualidade no contexto escolar, transformando alunos/as em seres assexuados.

É diante desse cenário que o trabalho de Educação Sexual na escola “visa oportunizar espaço para questionamentos, problematização e reflexão, tendo em vista a formação de cidadãos críticos, participativos e cientes de sua sexualidade [...] tendo oportunidades de dialogar e expor seus anseios, sem que necessitem ser ocultados”, afirma Leão (2009, p. 89).

Seguindo esse raciocínio, é possível compreender que a Educação Sexual na escola permite que o indivíduo desenvolva e exerça sua sexualidade com prazer e responsabilidade, através de um trabalho com atividades sistemáticas, planejadas, contínuas e que envolva, além de toda comunidade escolar, a família desses/as alunos/as. É promover um autoconhecimento da sexualidade para que o/a aluno/a se proteja de eventuais abusos de sua intimidade, entendendo sobre as várias transformações corporais, hormonais, psíquicas que perpassam essa fase do desenvolvimento humano (Figueiró, 2014).

Para que esse trabalho seja efetivo, se faz necessária uma determinada abordagem. Dito isto, convém destacar que a abordagem emancipatória vem sendo a melhor estratégia, pois concebe a Educação Sexual como um caminho para preparar o/a jovem para viver sua sexualidade de forma positiva, saudável, feliz e, sobretudo, para formá-lo/a como cidadão/ã consciente, crítico/a e engajado/a nas transformações de todas as questões sociais, ligadas direta ou indiretamente à sexualidade (Figueiró, 2014; Nunes & Silva, 2006).

Afinal, é necessário problematizar, questionar, refletir sobre cada situação que traga certa ansiedade e/ou desconforto a alunos e alunas no aspecto da sexualidade para, assim, criar um canal de comunicação com eles, até que estejam à vontade para falar sobre o tema (Leão, 2009).

Segundo os PCN (1997), as “manifestações da sexualidade associadas à agressividade são indicadores da necessidade de discutir abertamente um assunto que causa ansiedade, desperta dúvidas e expressa uma vivência para eles [...]” (p. 301).

Figueiró (2014) aponta que a função social dos dos/as professores/as que atuam como educadores/as sexuais é desconstruir a visão da sexualidade como algo sujo, perverso, monstruoso, pecaminoso e, através de uma construção saudável de conhecimentos vinculados ao respeito a si, ao outro e à saúde, torná-los capazes, conscientes e responsáveis pela sua sexualidade.

No entanto, esses mesmos/as professores/as parecem ter insegurança e despreparo para trabalhar o tema com seus/as alunos/as, pois não se sentem à vontade nesta tarefa. Ao fazerem parte de uma geração repressora, que associa essa discussão à pornografia e ao pecado, cedem ao medo e à incerteza de um resultado promissor, sentimentos que se somam ao receio de represálias oriundas dos familiares e à formação deficitária, visto que, muitas vezes, não tiveram esse tema em suas grades curriculares da graduação. Essa postura acaba fechando um canal de comunicação entre professor e aluno, propiciando uma educação com condutas mais tímidas ou marcada pela ausência desse debate (Souza & Milani, 2020).

É evidente que o trabalho com Educação Sexual geralmente tem como entraves o desconhecido, o preconceito, o tabu e a discriminação. Se os docentes, portanto, forem preparados para trabalhar neste campo, haverá um ganho significativo em suas atuações (Leão, Ribeiro & Bedim, 2010).

A sexualidade ainda é um assunto pouco discutido no cotidiano da escola, apesar de estar presente o tempo todo nas ações e comportamentos. Trata-se de uma vivência construída na complexidade das relações humanas. Portanto, necessita de um trabalho mais efetivo, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma Educação Sexual que promova no/a aluno/a um senso de autorresponsabilidade e compromisso para com a vivência positiva de sua própria sexualidade. Afinal, “essa deseducação sexual a que somos submetidos e submetemos alguém em nosso cotidiano é também de nossa responsabilidade político-pedagógica enquanto educadores e formadores de educadores” (Melo, Freitas & Brasil, 2006, p.202).

Dessa maneira, Souza e Milani (2020) afirmam que

os educadores precisam estar dispostos a refletirem sobre as questões que envolvem a sexualidade com lentes neutras, sem julgamentos e baseadas em argumentos cientificamente comprovados, ao mesmo tempo em que é construída

uma integração entre família e escola, possibilitando um trabalho pragmático e enriquecedor, que preze pelo respeito e pelo amadurecimento do ser humano (p. 77).

Sendo assim, Maia (2010) também propõe que a Educação Sexual deva ser abordada desde a educação infantil, pois a sexualidade se inicia com o nascimento, (ou até mesmo antes dele) e termina com a morte. Em cada fase ela suscita suas dúvidas, reflexões e esclarecimentos, os quais devem ser trabalhados de acordo com a demanda.

Além disso, de acordo com Figueiró (2014), está cada vez mais evidente a manifestação da sexualidade pelos/as alunos/as, pois a forma como a sociedade e a mídia abordam esse tema é com forte instigação ao sexo e a um rompimento com os valores morais e sexuais, além da influência política.

Sendo assim, a escola passa ser um espaço fundamental para se abordar a sexualidade com alunos/as, sendo um dos ambientes propício às manifestações e vivências da sexualidade. Assim, deve envolver reflexões individuais e coletivas, permitindo que os indivíduos se reconheçam como sujeitos de sua própria sexualidade, capazes de construir relações mais saudáveis e positivas, bem como vivenciar situações prazerosas sem culpa (Figueiró, 2014).

O período que o/a aluno/a passa na escola é repleto de manifestações da sexualidade, até porque se trata do maior intervalo de tempo do seu dia. Louro (1997) argumenta que, querendo ou não, as questões de sexualidade estão na escola, seja nas conversas dos/as alunos/as, nos desenhos dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros, nas falas e atitudes dos/as professores/as.

Sendo assim, nota-se que o trabalho de Educação Sexual na escola é de fundamental importância e, para isso, há a necessidade de se abordar esse tema na formação inicial e continuada de professores/as, pois ainda há aqueles que se sintam despreparados quanto ao

tema e suas práticas. Tal mudança de paradigma na formação docente é mister, pois contribuirá para mudanças de postura quanto às concepções inadequadas sobre a temática da sexualidade, tão fortemente impregnadas de preconceitos e estigmas, ainda frequentes dentro dos muros da escola. E como nos afirma Maia (2004), se o/a professor/a exerce a Educação Sexual despreparado/a, sem formação específica, poderá ter um resultado desastroso junto aos seus em sala de aula.

Segundo Leão (2009), a formação de professor/a deve percorrer os cursos de formação inicial e se estender por todos os períodos de exercício profissional por intermédio da formação continuada. Figueiró (2014) corrobora essa ideia e acrescenta que “a formação continuada se refere às propostas ou ações, tais como cursos, estudos e reflexões voltados para aprimorar a prática profissional do professor” (p. 105).

Além disso, a formação contemplaria também o trabalho no que diz respeito à sua própria sexualidade, que não deixa de ser amedrontadora e desconhecida para si próprio, fruto de uma sociedade repressora, na qual a sexualidade é encarada como algo proibido e que, desta forma, o faz se sentir despreparado para tratar desse assunto (Figueiró, 2014).

Surge, portanto, a necessidade de realização desse trabalho, cujo intuito envolve a busca, identificação e análise de produções acadêmicas que propuseram práticas voltadas à formação de professores/as em Educação Sexual de forma efetiva dentro da escola, levando a estes um senso crítico, responsável e reflexivo acerca de sua própria sexualidade e sua relação com a do outro.

Para isso, inicia-se esse estudo com o embasamento teórico que se remete a estudos que confirmem a necessidade da formação de professores em Educação Sexual, uma breve introdução no capítulo 1. Já no capítulo 2, são relatadas algumas definições e compreensões do que é sexualidade e Educação Sexual na escola. O capítulo 3, por sua vez, descreve a formação de professores na Educação Sexual.

É a partir dessas questões que surge a necessidade de se entender como estão sendo realizadas essas formações em Educação Sexual e quais práticas docentes estão sendo utilizadas para a efetivação dessa formação tão importante para os alunos. Buscou-se identificar e analisar produções acadêmicas através do Portal Periódicos Capes e IBICT entre os anos de 2000 e 2020, os quais propuseram práticas na formação de professores em Educação Sexual.

1.1 Justificativa

A Educação Sexual é vista, por muitas pessoas, com olhares preconceituosos e carregadas de tabus, além de crenças de que seja ensinar sexo para crianças. No entanto, esta atividade tem por objetivo desenvolver no indivíduo e no grupo a capacidade de analisar de forma crítica sua sexualidade, de decidir ações conjuntas para resolver problemas e modificar situações, de organizar e realizar ações que envolvam a temática e de avaliá-la com espírito crítico.

Para que se possa tratar a Educação Sexual de maneira condizente, ao encontro das necessidades dos/as alunos/as, é evidente que o/a professor/a se utiliza de formação específica para trabalhar com o tema, seja ela na graduação ou em formação continuada.

Portanto, essa pesquisa visa identificar e analisar como estão sendo realizadas essas formações, quais as metodologias utilizadas e se estão sendo eficazes.

1.2 Problema

As ações práticas voltadas à formação de professore/as estão ocorrendo como? Quais recursos metodológicos estão sendo mais utilizados nesses cursos?

1.3 Objetivo Geral

Identificar e analisar as produções acadêmicas sobre as práticas efetivas na formação de professores/as em Educação Sexual a partir de uma revisão bibliográfica sistemática no portal Periódicos Capes e IBICT entre 2000 e 2020.

1.3.1 Objetivos específicos

- Identificar como estão sendo efetuadas as formações em Educação Sexual (iniciais ou continuadas) no Brasil
- Identificar as práticas docentes e os recursos utilizados nas formações
- Analisar os recursos metodológicos mais utilizados

2 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

Falar sobre sexualidade e propor uma Educação Sexual nunca foi uma tarefa fácil, mas, atualmente, essa temática parece ter retrocedido no que diz respeito às conquistas, principalmente devido ao forte movimento político extremista, direitista, conservador e religioso em que o Brasil se encontra (Figueiró, 2018).

Ao educar alunos e alunas, não só se depara com um trabalho pedagógico, mas sim com vidas que se espelham nos comportamentos adultos para exercer suas identidades e a identidade de um país. Por isso, é necessário que a educação ultrapasse os muros das escolas. Lutar é preciso! O ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico, que ensina na escola, quanto no ato político, que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo, já dizia Goldberg (1984).

Nota-se que ainda é difícil entender que a sexualidade é algo intrínseco ao ser humano e se trata de algo ligado ao biológico, social, psicológico, muito além dos tabus e preconceitos. Assim como já argumentava Aratangy (1995), a sexualidade se aprende em todo lugar e a todo momento. “Em cada gesto de afeto e ternura dos pais, entre si e para com os filhos, em cada emoção vivida com intensidade, em cada vínculo em que a intimidade abre caminho e se faz presente” (p. 14).

Contudo, a sexualidade ainda é um campo muito minado, onde as pessoas sentem dificuldades de explorar. Segundo Heiborn e Brandão (1999), “talvez a sexualidade ainda encontre resistências ao seu desenvolvimento, em razão do lugar privilegiado que detém no

cerne dos valores associados à intimidade da pessoa moderna” (p. 8). E para enfrentar essa luta é preciso, primeiramente, entender o que é sexualidade.

2.1 O que é sexualidade?

Sexualidade envolve muito mais do que o simples sexo, vai além da relação sexual em si e faz parte da vida toda do ser humano. Figueiró (2014) define claramente a sexualidade como

um elemento integrante de nossa identidade e envolve o amor, o prazer, o toque, o sexo, a afetividade, o carinho, os gestos, a comunicação, as relações de gênero, o respeito, a alegria de viver e o conjunto das normas culturais relacionadas à prática sexual. Sexualidade abarca, ainda, o gênero, a identidade sexual, a orientação sexual e a identidade de gênero (p. 69).

A sexualidade é uma necessidade básica do ser humano, vai muito além do coito e do orgasmo, é a energia do amor, da intimidade e se expressa no sentir, tocar e ser tocado. Está nos pensamentos, nas ações e nas interações físicas e mentais (Brasil, 1997). Ela é um fenômeno amplo que se expressa nas emoções, nas atitudes, nas representações, complementa Maia (2010).

Martelli (2019) também faz uma consideração significativa quando afirma que

a vivência da sexualidade não envolve somente o corpo, a relação sexual, a presença ou não do orgasmo; mas, envolve crenças, rituais culturais, vivências religiosas, valores éticos e morais, convenções e representações no uso desse corpo e de seus prazeres. Nesse sentido, a compreendemos como parte integral

da personalidade de cada pessoa, necessidade básica e um aspecto que não pode ser separado de outros aspectos da vida (p. 54).

Desde que nasce, a criança já expressa sua sexualidade através do contato com a mãe, na troca de olhar, no toque, na amamentação, enfim, nas primeiras experiências e relações com o mundo através de seu próprio corpo, na percepção do outro, com os desejos infantis, as expectativas, os conflitos, o prazer e o desprazer (Louro, 1997). Já na adolescência, eclode com a explosão dos hormônios, transformações corporais e emocionais, inúmeras dúvidas e, como disse Louro (2000), “é uma energia, um turbilhão de emoções e sensações que move todos os indivíduos independentemente da sua vontade; uma força incontrolável e nunca saciada” (p. 37).

Por isso, o respeito com a sexualidade deve acontecer em todas as etapas do desenvolvimento humano, com naturalidade e afeto. Nunes e Silva (2006) afirmam que o respeito com a sexualidade deve estar presente desde a infância e todos devem respeitá-la para que o indivíduo seja visto como um ser humano com capacidade de amar. A criança lida com a liberdade de maneira mais significativa do que o adulto, apesar de suas limitações e incompletudes, mas desde que nasce já existe a sexualidade e a criança a exerce de maneira espontânea e natural. Já os adolescentes sofrem várias mudanças biopsicossociais, além de estarem “expostos a uma série de influências sociais e culturais, que culminam no aprendizado de informações generalizadas sobre sexualidade” (Marola, Sanches & Cardoso, p. 97).

Sendo assim, como relata Alevato (2012, p. 58), “sexualidade está na genitalidade, em seu corpo, em sua identidade, mas também está na cultura de cada sociedade, nas relações de poder, no imaginário, nos modos de pensar e de agir e em muitos outros aspectos próprios de sua história e de seu tempo/espço”. Nota-se, inclusive nas políticas públicas, que o Estado interfere nas relações de gênero, nos ideais conservadores e religiosos e no preconceito, preconizando uma relação heteronormativa.

Ribeiro (2005) amplia o conceito de sexualidade quando a define como um conjunto de fatos, sentimentos e percepções vinculados ao sexo ou à vida sexual. É um conceito amplo, que envolve a manifestação do impulso sexual e o que dela é decorrente: o desejo, a busca de um objeto sexual, a representação do desejo, a elaboração mental para realizar o desejo, a influência da cultura, da sociedade e da família, a moral, os valores, a religião, a sublimação, a repressão.

A sexualidade é produto de uma construção que está sendo formada de acordo com os padrões de comportamento, dos costumes e modo de pensar da humanidade. Ela integra o cenário histórico-social, marcado pelos aspectos culturais, econômicos, políticos, os quais influenciam a sociedade. Ademais, se refere tanto a um fenômeno do erotismo humano, considerando as questões orgânicas, psicológicas e sociais, como também a um fenômeno que não se restringe ao sexo, ao genital, acrescenta Maia (2010).

Há quem diga que a sexualidade tenha como prioridade a perpetuação da espécie, mas o ser humano que possui a razão e outras faculdades mentais vai além do impulso biológico e utiliza a sexualidade como forma de obter e dar prazer. Nessa perspectiva, ela se refere a práticas de liberdade, na medida em que os limites do pensamento transcendem em outras possibilidades, tanto de conhecer como de amar (Ribeiro, 2005; Britzman, 1999).

Contudo, um ponto importante para pensar a sexualidade de hoje é entender que a criança e o jovem vêm recebendo cada vez mais estímulos. Filmes, novelas, outdoors, revistas, internet mostram como é bom, moderno e saudável fazer amor, conforme nos relata Bruns e Almeida (2010). Porém, nota-se o consumismo, a erotização e até mesmo uma adultização dos jovens em busca da satisfação do desejo.

Almeida (2019) complementa que a busca apenas pela satisfação do desejo, o qual impele ao prazer, não poderia ser reduzida a uma vivência restrita da genitalidade, como vem sendo manipulado pela mídia e pelo capital de consumo.

Assim como já dizia Nunes (1987),

que o consumismo é irresistível [...] e cada vez mais a sexualidade se vê tratada como um objeto, quer no submundo social ou nas rodas de amigos [...], o consumismo e a pornografia alimentam adolescentes e jovens com sua superficialidade grotesca e objetual, confundindo a quantificação de discursos sobre o sexo ou de atos sexuais como uma verdadeira libertação sexual (p.11).

Enfim, é imprescindível perceber, como nos relata Figueiró (2018), “que cada cidadão tem o direito de ser sujeito de sua sexualidade”. A sexualidade influi na vida de cada pessoa, através de inúmeras possibilidades de exercê-la. Por isso, “a necessidade de se buscar novos conhecimentos, rompimento de tabus e preconceitos, assim como a revisão das atitudes e dos sentimentos pessoais” (p.52).

É uma reconstrução de valores e construção de novos conhecimentos ao longo da vida com relação à sexualidade, e cada um terá a sua forma. Assim como nos orienta Figueiró (2018, p. 61), “não existe resposta padrão; nem mesmo há regras ou receitas para como lidar com uma situação” relacionada à sexualidade.

2.2 Educação Sexual na escola

A educação é muito mais do que o simples fato de ler e escrever. É trazer o indivíduo para uma realidade social, política, com um senso crítico, ética em suas ações e comportamentos. Assim nos afirma Libâneo (2006), para quem “as formas que assumem a prática educativa, sejam não-intencionais ou intencionais, formais ou não formais, escolares ou extraescolares, se interpenetram” (p. 18).

Figueiró (2018) também aponta que a “Educação é um processo que conduz o educando ao desenvolvimento de suas potencialidades, sejam elas cognitivas, emocionais, afetivas, sexuais, morais, espirituais e sociais. [...], tornando-o capaz de identificar tabus, preconceitos, desigualdades, normas morais, opressão, discriminação e repressão de toda ordem [...]” (p. 15).

A autora complementa que “Educação Sexual é toda ação (de) ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja ao nível de conhecimento de informações básicas, seja ao nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual” (Figueiró, 2010, p. 3).

Dessa forma a Educação Sexual pode ser realizada de maneira informal e formal. A Educação Sexual informal é um processo global, não intencional, que envolve toda a ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual. E Educação Sexual formal é aquela que é deliberada, institucionalizada, com um propósito e intencionalidade, sendo feita dentro ou fora da escola (Figueiró, 2014; 2018).

Libâneo (2006) corrobora dizendo que a educação formal é aquela que está na escola, com objetivos e procedimentos predeterminados em currículos e a educação informal ocorre a todo momento, de forma natural e mútua, nas relações interpessoais, permitindo que os conhecimentos culturais possam passar de geração para geração.

Porém, nota-se que a escola, na maioria das vezes, procurou privar as crianças e os jovens de partilharem entre si e com adultos o acesso ao conhecimento da sexualidade. Com isso, gerou imaginários distorcidos, culposos e repressivos, abrindo espaço para estratégias de uma moral conservadora e se descomprometendo com a sexualidade do/a aluno/a (Teixeira, 2012).

Isso acarreta o que relata Bernardi (1985), já que os docentes se firmam em um sistema de dessexualizar o indivíduo. Seja pela informação meramente biológica ou através das

normas, preceitos morais e juízos sobre o que é lícito, destróem a ideia de prazer e impõem a ideia do dever, do sacrifício, da obediência, da disciplina e da resignação.

Portanto, de acordo com Silva (2015),

a Educação Sexual na escola é hoje uma necessidade a ser efetivada tanto nas discussões políticas, quanto nas ações e concretização de sua prática. Ela está ligada a toda ação contínua do processo de interação humana, construindo o sujeito ativo às informações, desejos, necessidades básicas de seu corpo. Dialogando, tendo voz ativa e expressando suas opiniões, respeitando o outro; e percebendo a sexualidade como algo positivo, sem medos e tabus (p. 20).

Sendo assim, Nunes e Silva (2006) reforçam que Educação Sexual tem como objetivo fornecer informações sobre sexualidade e promover um espaço de reflexões aos educandos, um espaço no qual possam dialogar, questionar e se expressar, sem serem criticados ou depreciados. Tal condição deve ser emancipatória e permitir a busca na identificação dos estereótipos sexuais, visando educar alunos e alunas para a igualdade de gênero, representando homens e mulheres em condições iguais.

Alunos/as necessitam fazer parte desse processo, sentindo-se protagonistas, pois falar de sexualidade não é um assunto teórico, fora de suas vivências. Assim como esclarece Alevato (2012), a escola, como instituição dedicada à educação, precisa ser vista como um todo, ou seja, tudo que os discentes vivem na escola precisa ser entendido como parte do processo educativo. Os conteúdos não podem ser isolados da realidade, sem dar sentido a eles; percebendo que é de sua vida que os docentes falam. O ensino não pode estar dissociado do que vivem.

No entanto, a escola passa ser dessexualizada e dessexualizante quando deixa a sexualidade do portão para fora, se firmando em proibições absolutas de qualquer

comportamento sexual que desqualifique a sexualidade. Isso significa a negação da experiência sexual de seus alunos/as e a programação de uma educação que esvazie a sexualidade de todo conteúdo emotivo, lúdico e gratificante (Bernardi, 1985).

Afinal, a escola é o lugar onde o educando passa a maior parte do seu dia e tem várias relações interpessoais, e será nesse ambiente que ele se desenvolverá, bem como sua sexualidade, que também faz parte da evolução do ser humano. A partir desse pensamento, é possível acreditar que a escola é também um ambiente onde se pode debater sobre a sexualidade e suas manifestações.

Ribeiro (2013) afirma que “a escola é um espaço sexualizado que explicita todo tipo de manifestação sexual, mesmo de forma negativa, mas ainda há a dificuldade de lidar com comportamentos de alunos e alunas que demonstram curiosidade, desejo e prazer” (p.11).

É evidente que a Educação Sexual deveria partir da família, ter continuidade no período escolar com os mestres e perdurar por toda a vida toda com profissionais adequados para efetivar esta orientação. Mas a maioria das famílias se demonstram inaptas ou indispostas para abordar o assunto com naturalidade, passando a responsabilidade, muitas vezes, para a escola e os profissionais da saúde. Esse despreparo, acaba resultando em adolescentes desassistidos (Figueiró, 2014; 2018).

Por isso, Nunes e Silva (2006) propõem a construção de uma Educação Sexual inovadora, que articule as responsabilidades entre escola e família, de modo a construir saberes, habilidades e atitudes referentes à sexualidade, voltada para a emancipação e libertação dos alunos.

Já é visto que questões referentes à sexualidade estão, queira ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas nos corredores, estão estampadas nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros, nas atitudes dos que aprendem e dos que ensinam nesses espaços de saber (Louro, 1997).

E quando a questão da sexualidade é tomada como algo sério a ser esclarecido, compreendido e estudado, tende a modificar a relação agitada de adolescentes com o tema. Os desenhos dos órgãos sexuais estampados em vários lugares da escola, as atitudes provocativas e exibicionistas, a sexualidade exacerbada, os comportamentos para escandalizar os adultos e chamar atenção, as palavras de baixo calão, enfim, tudo isso vai perdendo o sentido devido à uma reconstrução e entendimento da sexualidade (Figueiró, 2018).

Fica cada vez mais fácil perceber, então, a necessidade de uma Educação Sexual pautada no crescimento pessoal, debatendo e questionando tabus e preconceitos, diminuindo a ansiedade, o medo e a culpa, sem ser moral e repressora (Ribeiro, 2013). É abrir um canal de comunicação efetivo com todo o público discente, acolhendo-o e compreendendo-o (Leão, 2009).

Assim como nos ressalva Pereira (2012), “a sexualidade humana é um dos temas mais relevantes de nossas vivências, e, os/as alunos/as demonstram grande curiosidade sobre o assunto, embora ainda continuem cercados de falta de informação” (p. 199). A argumentação de Nunes e Silva (2006) complementa tal afirmação, pois quando existe a atitude autoritária e repressiva frente às manifestações da sexualidade, abre-se espaço para a construção de comportamentos que intensifiquem a violência e dominação.

Além disso, os mitos e tabus ainda permanecem como conteúdos centrais a serem trabalhados na Educação Sexual, mesmo que a sociedade já esteja na era da comunicação, na qual o acesso ao conhecimento se faz muito mais presente. Em verdade, ainda existem informações errôneas e desinformações, de modo que desconstruir esses mitos e tabus é apenas o primeiro passo para o crescimento dos alunos. Segundo Pereira (2012), “os mitos seriam mentiras tornadas como verdades pela coletividade, falta de moral, aberrações e perversões. E os tabus seriam atos, palavras ou símbolos sexuais proibidos numa dada sociedade, por motivos religiosos ou sociais” (p. 200).

No cotidiano da escola, segundo Pereira (2012) “ainda é muito comum perceber mitos envolvendo masturbação, modificação do corpo durante a adolescência, o ato sexual, as formas de obter prazer, entre outros” (p. 201). E percebe-se que, sem ter onde buscar as informações, alunos/as continuam com uma compreensão errônea da sexualidade, negando seus próprios corpos e de si mesmos, e isso mostra a falta que a informação correta traz para a compreensão dos jovens.

Contudo, segundo Figueiró (2014), a escola sente a necessidade de resolver problemas e encontrar soluções mágicas para a sexualidade dentro dos muros escolares, e acaba exercendo uma Educação Sexual através de um trabalho árduo, pesado, angustiante, sendo que poderia canalizar essa energia para falar de sexualidade de forma alegre, bonita, leve e natural (Figueiró, 2014).

No entanto, para os docentes, seu público é sempre uma mistura de perversão e inocência. Perversão porque se deixá-los à vontade, executam ações reprováveis e seriam arrastados pela libido e pela destruidora procura do prazer. Inocentes porque não conhecem as questões do mundo, o que acaba dificultando o trabalho efetivo dos professores em atraí-los para o conhecimento da sexualidade de forma natural (Bernardi, 1985).

Uma visão assim, leva aqueles que lecionam a não terem um direcionamento para o exercício da Educação Sexual. Por isso a importância do modelo emancipatório, citado por Nunes e Silva (2006), no qual o discente “tenha uma formação para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora” (p. 17).

Figueiró (2018) sugere que a “Educação Sexual na escola deva estar ancorada nos seguintes princípios:

- Educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade;
- Educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos;
- Para educar sexualmente, é preciso saber ouvir;
- O aluno deve ser visto como sujeito ativo do processo ensino-aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas;
- O professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos (p. 94).

Sendo assim, nota-se que a Educação Sexual na escola deve promover uma visão positiva da sexualidade, desenvolvendo uma melhor relação interpessoal, através de um pensamento crítico, sabendo respeitar e compreender a si e ao outro, além de preparar o/a aluno/a para tomar decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual. E para que tudo isso aconteça, é necessário que os docentes estejam preparados e formados adequadamente para exercerem essa temática com sucesso.

Com suas brilhantes palavras, Figueiró (2018) completa que: “ensinar sobre sexualidade na escola, [...] é tarefa da qual não podemos nos esquivar mais. É urgente que nos disponhamos a falar sobre sexualidade e, estou certa de que muitos ganharão com isso: as crianças, os jovens, as mães, os pais, os professores, a escola, os terapeutas e a sociedade” (p. 63).

No entanto, onde se encontra respaldo nas políticas públicas para adentrar as escolas e exercer efetivamente a Educação Sexual?

Para responder essa pergunta, far-se-á um recorte quanto às últimas diretrizes implantadas (PCN e BNCC) e outras já existentes, visto que as políticas públicas tiveram avanços e retrocessos na educação.

Em 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) chegaram com vários progressos no âmbito educacional, entre eles os temas transversais: Ética, orientação sexual, meio ambiente, saúde, pluralidade cultural, trabalho e consumo (Brasil, 1997).

Na parte destinada à orientação sexual (termo empregado pelo documento), os PCN foram divididos em três eixos principais: Corpo humano, Relações de gênero e Prevenções às ISTs/AIDS (Brasil, 1997). Segundo Silva, Brancaloni e Oliveira (2019), “apesar de problemáticas indicadas por diversos pesquisadores, como, por exemplo, o tratamento da sexualidade a partir de uma perspectiva biológica e a abordagem superficial das questões de gênero, o documento oficial corresponde à legitimação da diversidade sexual e de gênero na escola” (p. 1539).

Nota-se que esse documento passa a ser uma inovação para a Educação Sexual, resguardando a atuação dos mestres para o desenvolvimento efetivo de seu trabalho sobre sexualidade acerca dos temas transversais, assim como na passagem por todos os componentes curriculares.

Em 2017, é promulgada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que segue como sucessor dos PCN e foi dividida em seis macroáreas temáticas: Ciência e tecnologia, economia, saúde, meio ambiente, multiculturalismo, cidadania e civismo (Brasil, 2017).

A BNCC (Brasil, 2017) propõe que, nos anos finais do Ensino Fundamental, alunos e alunas tenham a temática de reprodução e sexualidade, assim como o conhecimento das condições de saúde, saneamento básico, qualidade do ar e condições nutricionais.

Pretende-se que os estudantes, ao terminarem o Ensino Fundamental, estejam aptos a compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança do seu próprio corpo. É também fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva (p. 325).

Dessa maneira, é notório perceber que a Educação Sexual fica apenas nas entrelinhas, percorrendo uma visão biológica e higienista, não envolvendo discentes em uma trajetória de conhecimentos efetivos para obter responsabilidade e respeito para com sua sexualidade e a do outro. Silva, Brancaloni e Oliveira (2019), em seu estudo, afirmam que

as discussões acerca da Educação Sexual não apresentaram avanços ao longo das duas décadas que separam ambos os documentos oficiais da educação básica [...] e constatamos que a BNCC limita a sexualidade unicamente em sua dimensão biológica, associando-a à prevenção de IST e gravidez na adolescência, aproximando-se, assim, de concepções médico-higienistas sobre a temática (p. 1552).

O surgimento da BNCC ocorre em meio a uma disputa política, na qual o conservadorismo, questões morais e religiosas prevalecem e a Ciência perde espaço para visões heteronormativas, binaristas e sexistas, resultando em conclusões que dificultam a abordagem de assuntos sobre sexualidade e gênero nas escolas (Silva, Brancaloni & Oliveira, 2019).

Evidencia-se, portanto, que sexualidade e gênero foram termos não utilizados na BNCC, o que pode gerar uma falta de formação de docentes nessa área, assim como os mesmos não abordando o tema em sala de aula por medo de serem censurados pela ala conservadora.

Ribeiro (2020) corrobora dizendo que: “ quando o assunto é Educação em Sexualidade, é fundamental que os conteúdos a serem abordados não se utilizem de brechas e se não forem bem claros os conceitos a serem trabalhados, a sua abordagem poderá ser esquecida pelos docentes com maiores dificuldades de falarem sobre esse tema ou por não acharem que esta seja uma matéria a ser discutida na escola” (p. 59).

Como afirmam Rabelo e Ferreira (2013), “a Educação Sexual ainda é pouco abordada nas escolas. O problema parece estar, aparentemente, na falta de estruturas que apoiem a iniciativa desses profissionais nas escolas” (p. 64). “É preciso formar os/as professores/as para que entendam melhor as questões de gênero e sexualidade na sua vida e prática pedagógica, pois estas estão sempre presentes nos contextos escolares e afloram nos mínimos detalhes da função docente” (p. 65).

Porém, Neves (2019) revela que

na perspectiva de apresentar as garantias pedagógicas, legais e institucionais para o trabalho do professor em sala de aula sobre gênero e sexualidade o escritório da UNESCO no Brasil está desenvolvendo um estudo sobre o Marco Legal de Educação em Sexualidade e Relações de Gênero no Brasil – Parâmetros Legais para atuação nas Escolas. Esta pesquisa busca contribuir para a elaboração conjunta de estratégias capazes de superar os desafios atuais, no que diz respeito à promoção da igualdade e equidade de gênero, além de contribuir com orientações e políticas de Educação em Sexualidade na Educação Básica baseada em evidências (p. 15).

Além disso, a autora também afirma que existe um arcabouço jurídico que protege o/a professor/a de promover uma Educação Sexual efetiva. Da mesma forma, relata que o Brasil é signatário de vários acordos internacionais sobre direitos humanos, direito das mulheres, direitos da criança, adolescentes e jovens nas escolas, que incidem sobre a sexualidade e relações de gênero. Todavia, é necessário que estes docentes recebam formação qualificada para que possam modificar o contexto atual e exercer uma Educação Sexual adequada ao seu público (Neves, 2019).

Portanto, os/as professores/as estão respaldados pela Constituição (1988), pela LDB (1996), o ECA (1999), além dos Marcos Nacionais e Internacionais que podem ser acrescentados à BNCC para trazerem a garantia do trabalho de Educação Sexual na escola, nos afirma Ribeiro (2020).

3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A escola, muitas vezes, acredita que educar sexualmente os discentes não é seu papel, ou silencia sobre o assunto. Dessa forma, acaba por agir com repressão e não com a visão de prevenção. Assim, com a postura do silêncio, a escola que tem o papel de formação de cidadãos, gera a ideia de que a sexualidade é um assunto intocável e sigiloso, perpetuando estigmas, receios e desinformações (Leão, Ribeiro & Bedim, 2010).

Estudos de Leão (2009) e Figueiró (2014, 2018) relatam que os educadores demonstram sentimentos de insegurança para trabalhar com Educação Sexual, seja por sua formação deficitária ou por viverem em uma sociedade repressora. Com isso, tendem a associar a sexualidade à promiscuidade, pecado, sujeira ou algo proibido, dentre outras coisas, o que dificulta ainda mais a compreensão adequada dos alunos quanto ao tema.

A função do educador deveria ser a de polemizar, lidar com valores, tabus, preconceitos e informar sobre dúvidas, e não somente transmitir o conteúdo biológico da sexualidade. Sendo assim, a Educação Sexual tem como objetivo fornecer informações sobre a sexualidade e promover um espaço de reflexões aos educandos, de maneira que possam dialogar, questionar e se expressar, sem serem criticados ou depreciados. Para isso, o docente deveria se pautar em uma Educação Sexual de forma humanizadora, sendo mediador de esperanças e projetos de vida (Figueiró, 2014).

Além desses entraves, o desconhecido, o preconceito, o tabu e a discriminação que essa temática gera, acarreta certa insegurança em professores e professoras. Portanto, acredita-se que se eles receberem preparação para esse trabalho, tudo ficará mais fácil e haverá um ganho significativo em suas atuações (Leão, Ribeiro & Bedim, 2010).

A formação dos professores contribuiria para a vivência da sexualidade com respeito e sem discriminação. Afinal, através de capacitação dos profissionais da educação,

proporcionam-se momentos de análise, reflexão e interação que podem levar alunos e alunas a interagir com seus pares e formar opiniões saudáveis sobre sexualidade, gênero e diversidade sexual (Rodrigues & Salles, 2011). A falta de formação dos docentes, contudo, dificulta o desenvolvimento da Educação Sexual na escola que, por sua vez, prejudica os alunos, pois não lhes é possibilitado um espaço do ambiente escolar no qual que possam manifestar livremente suas dúvidas e curiosidades (Leão, 2009).

Pouco se relata nos currículos das licenciaturas algo que se relacione à sexualidade, gênero e diversidade sexual. Segundo Leão (2009), a formação de professores deve percorrer os cursos de formação inicial e se estender por todos os períodos de exercício profissional através da formação continuada. Essa formação continuada se refere às propostas ou ações, tais como cursos, estudos e reflexões voltados para o aprimoramento da prática profissional do professor (Figueiró, 2014).

A formação de professores não acontece sozinha. Desde que o profissional decide se tornar professor, ou seja, a partir da formação inicial, é que se começa a dar seus primeiros passos na construção de sua identidade profissional. E nessa formação inicial, Papi (2005) afirma que “se propicia a análise de diferentes situações, permitindo aos futuros(as) professores(as) a percepção da complexidade do ato educativo” (p. 63), assumindo uma certa cultura profissional, algumas competências que lhes permitam tomar decisões, modificar atitudes, valores e configurar sua própria opção pedagógica.

Segundo Nóvoa (1999), os cursos de formação até existem, mas muitas vezes falta a eles integrar as teorias com as práticas docentes para uma maior efetivação do processo de ensino-aprendizagem. Para ele, fala-se muito em formação de professores, porém, sem se preocupar com a prática docente em si. Além disso, ressalta que a formação continuada não é um acúmulo de cursos e técnicas, mas sim um trabalho de reflexão crítica sobre práticas de reconstrução permanente de uma identidade pessoal.

Em se tratando de Educação Sexual, Rabelo e Ferreira (2013) entendem que

as formações voltadas ao corpo docente devem privilegiar a reflexão sobre sua prática, o autoconhecimento que inclui a memória e a recuperação da sua experiência passada e presente para que possam proporcionar análises e mudanças (quando necessárias na sua prática pedagógica presente e futura). Neste sentido queremos distanciar as formações da visão dos “cursos de reciclagem”, muitas vezes criticados, pois professores/as não seriam “lixo” que precisa ser reciclado, passando uma ideia de que experiência/formação passada deve ser nulada para que possa dar lugar a uma nova (p.70). [grifos dos autores]

Segundo Papi (2005, p. 68), a formação de professores precisa “discutir temas, desenvolver capacidade de análise e crítica sobre questões da atualidade, o que promoverá a integração de conhecimentos das diferentes disciplinas”.

Na Educação Sexual, é importante que esse tenha um caráter pedagógico, ou seja, o(a) professor(a) poderá identificar em que momento abordará alguns conteúdos de forma sistemática e planejada. Assim, se utiliza de um espaço para que através de dinâmicas, projetos, vivências, dramatizações, possa problematizar, levantar questionamentos, ampliar a visão de mundo e de conhecimento com relação à sexualidade, discutindo os tabus, crenças, preconceitos e atitudes da sociedade. Sendo assim, o papel do mestre é ser mais um provocador de ideias do que um expositor de matérias. Esses métodos valorizam o diálogo, o autoconhecimento e a integração entre pensar, sentir e agir, criando um ambiente de confiança e de reflexão (Figueiró, 2018).

O/A professor/a, através de sua criatividade e perspicácia, consegue problematizar a sexualidade de forma a trazer os discentes para expressarem suas dúvidas e perceberem que suas vivências fazem parte de um desenvolvimento natural e alegre de sua sexualidade.

Silva (2015) acrescenta que

quando nós educadores adentramos a ambiência da escola, entramos em contato com algo que há séculos possui o mesmo formato. A cultura oral permeia a sala de aula, espaço onde imperam as palavras escrita e falada, sob a capa da disciplina, do controle, das políticas que ditam, entre outras coisas, como se deve se comportar em sociedade, principalmente em relação à sexualidade (p.21).

E essa maneira conservadora e arcaica de mediar o conhecimento precisa dar lugar para uma educação mais criativa, lúdica, moderna, acolhedora e libertadora. Por isso, a formação de professores vem de encontro com práticas docentes mais atuais e diversas.

É nesses propósitos que Gatti (2008) propõe ser necessário que o(a) professor(a) busque e tenha interesse em se especializar, adquirir conhecimentos e estar atento aos assuntos da atualidade, de maneira que possa mediar tais conhecimentos com seu público, dado que essa é sua responsabilidade.

Assim como a formação inicial tem uma enorme importância para a formação de educadores sexuais, “sua formação continuada, de forma sistemática, prolongada e com assessoria, também é fundamental para o envolvimento na prática efetiva. [...] O período de formação deve dar-lhe a oportunidade de submeter-se a um processo pessoal contínuo de reeducação sexual” (Figueiró, 2018, p. 61).

Já a formação continuada, para a mesma autora, (Figueiró, 2014, p. 105) se refere “às propostas e ações (cursos, estudos, reflexões, entre outros) voltadas, em primeira instância,

para aprimorar a prática profissional do professor”. Essa formação deve estar associada a uma prática de busca de identidade individual e coletiva, renovando os saberes pessoais e profissionais.

Quanto à formação de professores/as, em qualquer temática, Cascaldi (2012) corrobora dizendo que

a ação dos professores influi significativamente na constituição da subjetividade de seus alunos como pessoas e como cidadãos. Desse modo, os professores necessitam compreender os contextos sociais e as questões contemporâneas nas quais eles e seus alunos estão envolvidos. Implica apropriar-se do conhecimento, elaborar práticas de intervenção e transformação, responsabilizar-se por suas ações e exercê-las no coletivo, a partir de um envolvimento pessoal. Assim, a formação deve revelar uma intencionalidade que vise ao desenvolvimento do professor como pessoa, como profissional e como cidadão (p. 68).

No entanto, a formação docente parece ser forte aliada na aquisição de mecanismos de superação e desconstrução de ideias preconcebidas, bem como na construção de novos conhecimentos e práticas sobre qualquer temática, possibilitando rupturas e construções de novas definições do que é socialmente concebido.

Essa questão vem de encontro com a afirmação de Pereira (2010), que revela

o papel do professor é muito mais complexo e não se reduz à simples transmissão do conhecimento já produzido. Durante toda a sua formação (inicial e continuada), ele necessita buscar subsídios para entender a construção do saber educacional, pois a escola, enquanto espaço de partilha de conhecimento,

culturas, valores, mudanças e desenvolvimento de competências, pode e deve ser um lugar para uma educação sexual emancipatória e intencional (p.56).

Portanto, entende-se que o preparo devido dos docentes no desenvolvimento das habilidades relacionadas ao tema Educação Sexual deveria ocorrer desde a formação inicial, propiciando não só o conhecimento, mas o encorajamento, a vontade, a disponibilidade, a sensibilidade e a empatia com seus alunos.

Com isso, nota-se que a escola tem o papel de educar e preparar alunos e alunas para o amanhã, transformando-os em cidadãos éticos e responsáveis. Para atingir esse objetivo, a Educação Sexual os faz olhar para si mesmos e para os outros com respeito e dignidade. Diante disso, na sociedade futura, será possível ver pessoas com mais responsabilidade em suas vidas sexuais, melhores em suas relações interpessoais, com mais conhecimento de seu próprio corpo e com menos preconceito.

4 MÉTODO

4.1 Tipo de Pesquisa

Essa pesquisa, de natureza bibliográfica sistemática, iniciou-se com a busca por produções acadêmicas sobre as práticas docentes utilizadas na formação de professores em Educação Sexual.

Segundo Rother (2007) e Castro (2001), a revisão sistemática é uma revisão planejada para responder uma pergunta específica e que utiliza métodos explícitos e sistemáticos para identificar, selecionar e avaliar criticamente os estudos incluídos na revisão. Sendo assim, tal metodologia teve por objetivo mapear o conhecimento sobre uma questão específica. Porém, essa questão não pode ser tão detalhada.

Senra e Lourenço (2016) também afirmam que:

a revisão sistemática é uma revisão da literatura científica, com objetivo pontual, que utiliza uma metodologia padrão para encontrar, avaliar e interpretar diversos estudos relevantes disponíveis para uma questão particular de pesquisa, área do conhecimento ou fenômeno de interesse que representa o atual conhecimento sobre a intervenção ou fator de exposição no momento da realização da revisão sistemática (p. 176).

Grande parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas, pois permite maior familiaridade com o problema e aprimoramento de ideias, sendo desenvolvida com base em material já elaborado como livros, artigos e teses, afirma Gil (2002). Ainda segundo o autor, as pesquisas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema também costumam ser desenvolvidas mediante fontes bibliográficas.

Para realizar uma revisão sistemática, Castro (2001) destaca a seguinte sequência: formulação da pergunta; localização e seleção dos estudos; avaliação crítica dos estudos; coleta de dados; análise e apresentação dos dados; interpretação dos dados; finalizando com o aprimoramento e atualização da revisão.

Assim como afirmam Senra e Lourenço (2016, p. 176),

as revisões sistemáticas necessitam de metodologia específica a priori por um protocolo, o qual deve ter como objetivo central sistematizar os resultados dos estudos primários com o uso de estratégias que diminuam a ocorrência de erros aleatórios e sistemáticos, bem como possibilitem a enumeração de evidências científicas, ou seja, com viabilidade, adequação, significância e eficácia.

Corroborando com Castro (2001), Senra e Lorencço (2016, p. 180) são guiados pela pergunta da pesquisa e pelos objetivos aos quais se queira atingir. São eles: “elaboração do projeto, identificação e seleção dos estudos, extração dos dados, avaliação da qualidade, análise, apresentação e interpretação dos resultados”.

Contudo, Senra e Lourenço (2016, p. 181) também acreditam que a revisão sistemática deva seguir critérios ou etapas de elaboração:

- Definição do assunto e da variável da pesquisa;
- Definição de um intervalo temporal para realizar as buscas;
- Eleições das bases eletrônicas de dados e consulta aos dicionários de termos para elencar as palavras-chave;
- Levantamento da bibliografia por meio das buscas com as palavras-chave e catalogação dos textos nas bases eletrônicas de dados eleitas;

- Leitura inicial das referências e estabelecimento dos critérios de inclusão e de exclusão de textos relevantes ou irrelevantes à temática da pesquisa;
- Leitura analítica para seleção de textos pertinentes à temática central;
- Catalogação dos textos incluídos conforme os indicadores (periódico, autoria, ano de publicação, palavras-chave utilizadas, método, amostra, instrumentos e resultados);
- Avaliação e síntese quantitativa para compreensão de crenças e opiniões acerca da variável ou do fenômeno em estudo;
- Avaliação e síntese quantitativa para integração dos resultados de possíveis intervenções e/ou estimativas relativas à variável ou fenômeno de interesse;
- Retomada à pergunta de pesquisa para apreciação da evidência dos estudos agrupados na revisão sistemática e verificar a necessidade de novos estudos.

Portanto, utilizou-se a revisão bibliográfica sistemática nessa pesquisa, com o intuito de identificar, categorizar e analisar as produções acadêmicas sobre as práticas docentes na formação de professores(as) em Educação Sexual, através do Portal de Periódicos Capes e IBICT entre os anos de 2000 e 2020.

4.2 Objeto de análise

Como dito anteriormente, procedeu-se uma busca no Portal Periódicos Capes por produções acadêmicas que tratavam da Educação Sexual e formação de professores/as, mas

com foco na prática de formação docente. O levantamento foi realizado no mês de setembro de 2020, utilizando os termos: Educação Sexual e formação de professores entre os anos de 2000 a 2020, sendo colocada a opção “é exato” e apenas artigos científicos revisados por pares, buscando práticas de formações de professores sobre a Educação Sexual. No mesmo mês, foi realizado outro levantamento de teses e dissertações através do IBICT, também utilizando os termos Educação Sexual e formação de professores/as no mesmo período.

O Portal de Periódicos Capes foi escolhido por fornecer acesso a diversos conteúdos em formato eletrônico, cobrindo todas as áreas do conhecimento, oferecendo acesso livre a conteúdos de alta qualidade e periódicos com boa avaliação no Qualis-Capes.

Já o IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) desenvolveu e coordena a Biblioteca Digital Brasileira, que integra os sistemas de informação de teses e dissertações produzidas no país e no exterior.

4.3 Procedimentos

No levantamento dos artigos do Portal de Periódicos Capes foram encontrados 414 estudos e a seleção se deu, primeiramente, por leitura de título e resumo. Baseados nos critérios descritos, foram selecionamos 6 (seis) estudos relacionados ao objeto de estudo deste trabalho para serem analisados.

Os critérios utilizados para a seleção foram estudos:

- Que tratem da formação de professores em Educação Sexual;
- Que descrevam práticas docentes utilizadas para essa formação;
- E que discutam abordagens metodológicas na formação de professores em Educação Sexual.

Para a análise desses 6 (seis) artigos, foram utilizados os seguintes descritores: (1) palavras-chave utilizadas nos trabalhos; (2) recursos utilizados nas formações; (3) Objetivos/resultados obtidos com as formações iniciais e continuadas.

No levantamento do IBICT, foram encontradas 357 teses e dissertações entre os anos de 2000 e 2020, das quais foram selecionados 20 (vinte) estudos através da leitura de título e resumo, seguindo os mesmos critérios e descritores citados acima.

4.4 Análise dos dados

A fonte de informação ocorreu de forma sistemática através da leitura dos artigos, teses e dissertações na íntegra, organizando-os pelos objetivos, resultados, formas de atuação da formação de professores (formação inicial ou formação continuada), as práticas e os recursos utilizados, as palavras-chave mais utilizadas, além da modalidade utilizada: presencial ou EAD.

A análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) foi utilizada para codificar e analisar as práticas docentes contidas nos artigos, teses e dissertações. Essa análise de conteúdo, segundo Bardin (1977, p. 38), “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo da mensagem”. A mesma autora completa que utiliza “indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, p. 42).

Nessa pesquisa, optou-se pela análise temática de conteúdo que, segundo Bardin (1977, p. 77) “quer dizer, da contagem de um ou vários temas ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada [...]”.

Assim, os dados foram agrupados por temas, seguindo a teoria que sustenta o fenômeno estudado que, no caso, foram as práticas docentes aplicadas para a formação de professores em Educação Sexual. Segundo Bardin (1977, p. 104) “a codificação é o processo pelo qual os resultados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinente dos conteúdos”.

Ainda de acordo com os estudos de Bardin (1977, p. 104), “a organização da codificação, compreende três escolhas: recorte (escolha das unidades), enumeração (escolha das regras de contagem), classificação e agregação (escolha das categorias)”.

Portanto, “fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objeto analítico escolhido”, completa Bardin (1977, p. 105).

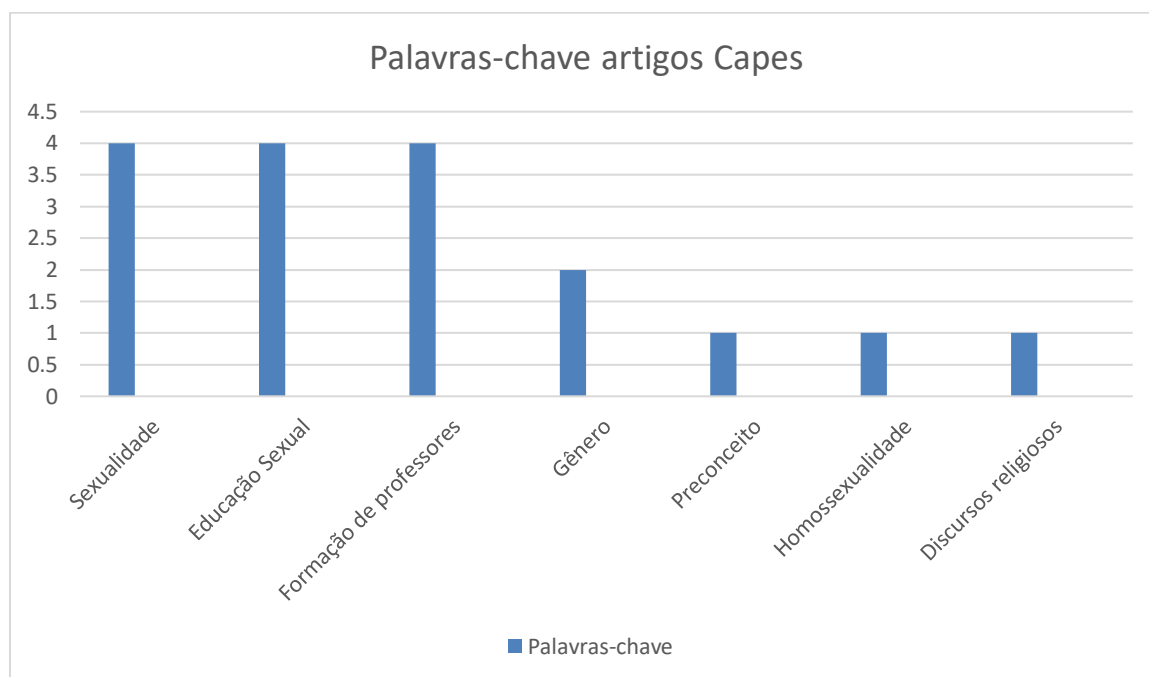
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise de cada estudo foi realizada através dos descritores já citados anteriormente. Com isso, obtivemos os resultados que foram agrupados para compreender como estão sendo desenvolvidas as práticas docentes nos cursos de formação de docentes em Educação Sexual. Para tanto, foram selecionados: as palavras-chave, a modalidade do curso (presencial ou EAD), tipo de formação (inicial ou continuada) e os recursos metodológicos.

5.1 Palavras-chave

As palavras-chave mais utilizadas dentre os artigos do Portal de Periódicos Capes (Gráfico 1) são referentes à sexualidade, Educação Sexual, formação de professores e gênero. Mas, percebe-se que preconceito, homossexualidade, discursos religiosos, também fazem parte dos temas das pesquisas. A palavra sexualidade aparece em quatro artigos, sendo que Educação Sexual também aparece em quatro deles, formação de professores é utilizada em quatro artigos, gênero aparece em dois artigos. Já as palavras preconceito, homossexualidade e discursos religiosos aparecem em apenas um artigo.

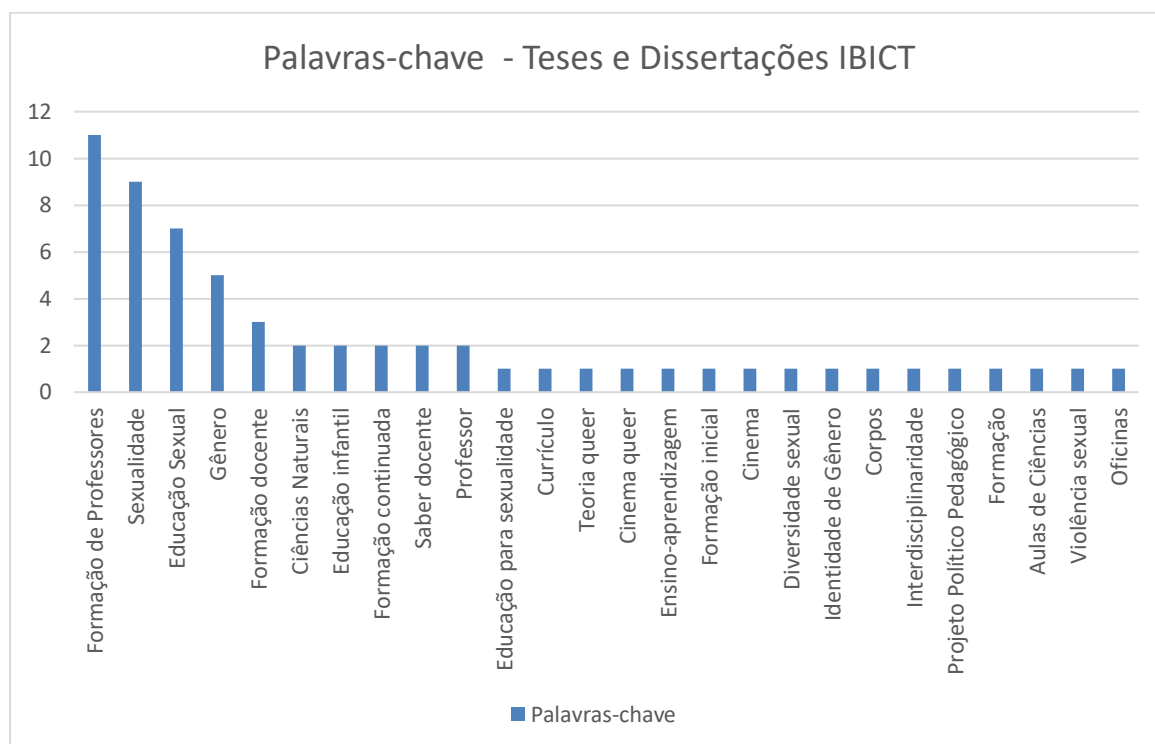
Gráfico 1 – Palavras-chave – Artigos do Portal de Periódicos Capes



Fonte: Os Autores (2020)

No gráfico 2, abaixo, é possível perceber que as palavras-chave que mais aparecem nas teses e dissertações do IBICT são: formação de professores (com onze aparições), sexualidade, (com nove), Educação Sexual (com sete), gênero (com cinco), formação docente (com três), Ciência Naturais, Educação Infantil, formação continuada, saber docente e professor (com duas aparições cada). Várias outras apareceram apenas uma vez: Educação para sexualidade, currículo, teoria queer, cinema queer, ensino-aprendizagem, formação inicial, cinema, diversidade sexual, identidade de gênero, corpos, interdisciplinaridade, projeto político pedagógico, formação, aulas de Ciências, violência sexual, oficinas.

Gráfico 2 – Palavras-Chave – Teses e Dissertações do IBICT



Fonte: Os Autores (2020)

Essas palavras parecem estar em evidência, devido ao que Figueiró (2018, p. 71-72) explica,

a Educação Sexual é um processo mais complexo e vai além de preparar o educando para que aprenda informações que lhe possibilitem viver bem sua sexualidade. Tem a ver também com a formação do cidadão como participante da construção de uma vivência mais digna da sexualidade para todos, sendo ele capaz de ajudar a superar os preconceitos e tabus, a combater a opressão sexual e a violência e toda forma de discriminação e transformar os valores e as normas repressoras.

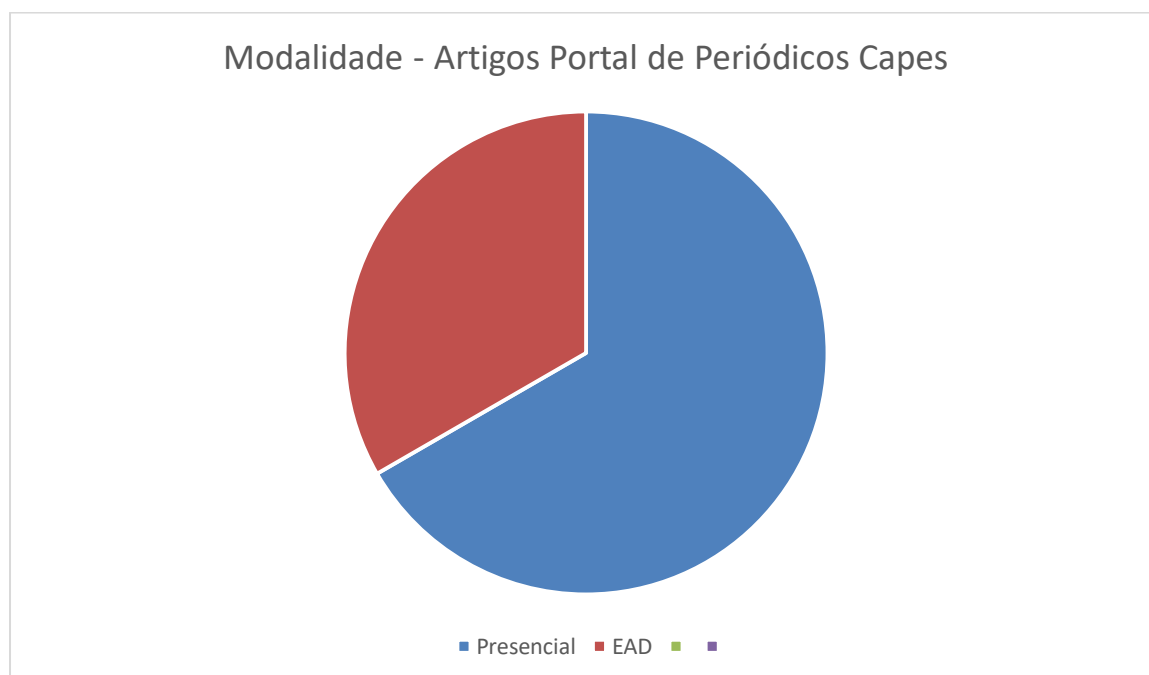
Ao encontro do que ambas revelam sobre a Educação Sexual, a formação de professores nessa temática de sexualidade e gênero é um tema estudado pelos pesquisadores, de maneira

que sejam sanadas as lacunas que existem para se educar sexualmente os discentes de forma íntegra, sem se basear em cunhos religiosos, preconceituosos, tabus, mitos, irresponsabilidades e desrespeitos.

5.2 Modalidade Presencial e/ou EAD

Dos seis estudos analisados do Portal de Periódicos Capes, 2 (dois) deles compreenderam cursos que foram realizados na modalidade ensino à distância (EAD). Os outros 4 (quatro) ocorreram na modalidade presencial, como pode ser visto no gráfico 3, abaixo representado.

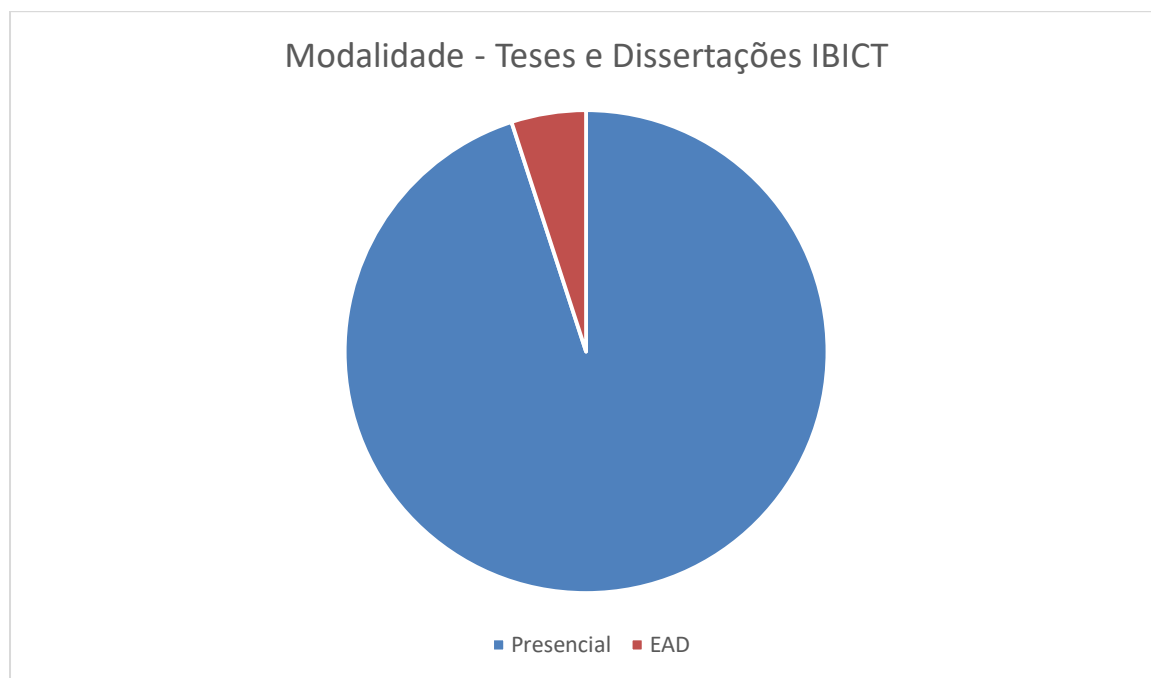
Gráfico 3 – Modalidade Presencial e/ou EAD – Artigos Portal de Periódicos Capes



Fonte: Os Autores (2020)

Já nas teses e dissertações do IBICT, apenas 1 (um) estudo foi realizado na modalidade EAD, sendo que os outros 19 (dezenove) foram realizados presencialmente, de acordo com o gráfico 4, abaixo.

Gráfico 4 – Modalidade Presencial e/ou EAD – Teses e Dissertações do IBICT



Fonte: Os Autores (2020)

A Educação a Distância (EAD) se tornou uma possibilidade de formação ou educação continuada no Brasil, especialmente quando se trata de temas pouco abordados nos cursos de graduação, relatam Lemes, Maia e Reis-Yamauti (2017). Contudo, tais autores alertam que seria importante investir na elaboração de cursos que abordem amplamente a temática da sexualidade e objetivem a formação continuada de professores para atuação em práticas educativas nos contextos das escolas.

Finelli, Soares e Sousa (2018) corroboram tal afirmação dizendo que a modalidade EAD é de grande relevância para a formação em nosso país, devendo ser cada vez mais avaliada e reformulada para se adequar ainda mais ao perfil e demanda dos brasileiros.

Gadotti (2010) relata que, para ocorrer o EAD, são necessários um novo tipo de aluno e um novo tipo de professor. A motivação do aluno e a escolha do curso são fundamentais para um bom aproveitamento. Assim, o aluno é movido pelo prazer da descoberta e pela liberdade de direcionar seu aprendizado. O fato de estar livre em seus horários e não necessitar permanecer em um determinado espaço físico faz com que estude o que lhe for conveniente, onde e quando desejar.

No entanto, Faria, Faria e Ramos (2013) apostam na formação presencial, dizendo que a presença física e a socialização são importantes e que a proximidade de professor-aluno é fundamental para o processo de aprendizagem, assim como a troca de experiências entre os participantes do curso. O contato diário com docentes e colegas oferece mais chances de renovar o desejo de aprender do(a) aluno(a).

Apesar de nenhum estudo apontar a modalidade híbrida, é possível perceber que nos dias hodiernos, com a pandemia de Coronavírus (SARS-CoV-2) em evidência, muitos cursos passaram a adotar as modalidades EAD e híbrida para que tivessem continuidade. O modelo híbrido envolve uma modalidade nem só presencial e nem somente EAD, mas mista em função dos objetivos do curso e perfis de alunos. Sob esse aspecto e dadas as necessidades trazidas pelo momento sanitário, conclui-se que a educação se beneficiou com os avanços e aperfeiçoamento das tecnologias virtuais interativas.

No mais, o importante é que o/a professor/a tenha uma formação em Educação Sexual, seja ela presencial ou EAD, inicial ou continuada, pois segundo Figueiró (2018, p. 62)

o educador não pode esquivar-se de reeducar-se sexualmente, investindo em sua formação, pois se o que pensa e sente em relação à sexualidade for positivo, livre de tabus e preconceitos, se tem uma visão bonita do corpo e da sexualidade,

então estará preparado para lidar de forma construtiva com os fatos do dia a dia em que estiver presente, seja em sua casa ou na escola onde trabalha.

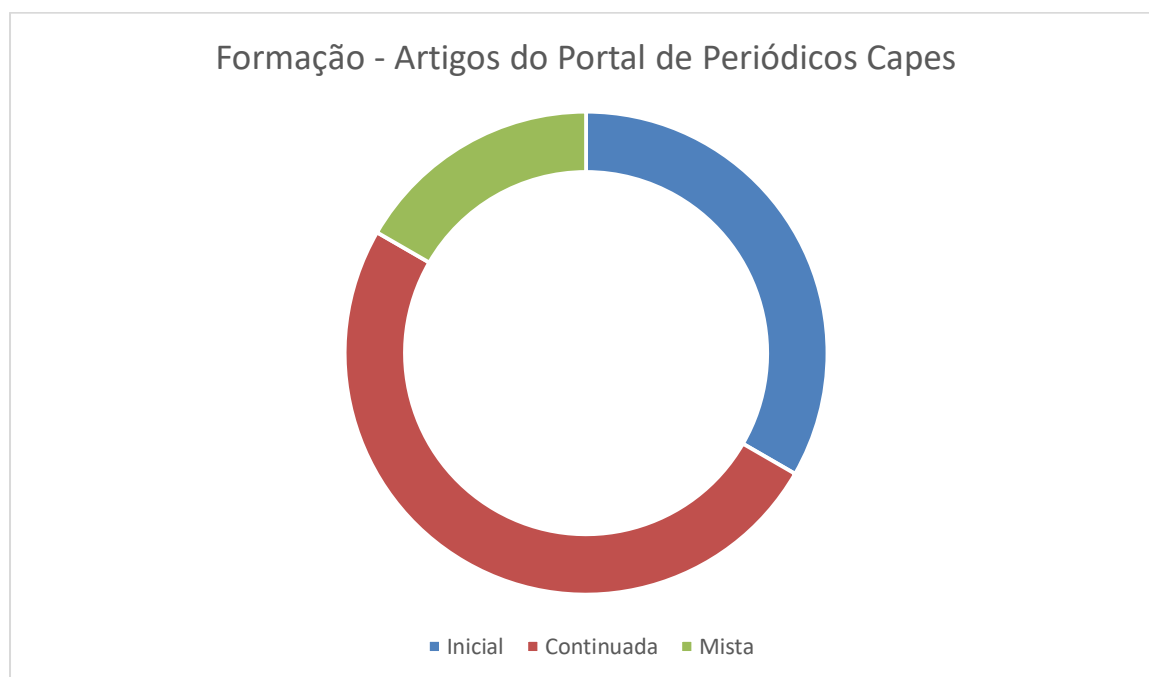
5.3 Formação Inicial e/ou Continuada

A formação do professor envolve tanto a inicial quanto a continuada, no exercício da autorreflexão e da reflexão sobre as práticas pedagógicas, levando em conta que se exerce essa reflexão muito antes da formação inicial e que ela permanece ao longo de todo caminho da prática profissional (Figueiró, 2014).

Assim como descreve Josso (2010, p. 36): “uma experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: o saber-fazer e os conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros”.

Nos artigos do Portal de Periódicos Capes, verifica-se que três estudos utilizaram a formação continuada junto a professores já atuantes na rede pública de ensino. Dois estudos obtiveram seus resultados através da formação inicial com alunos de graduação dos cursos de licenciatura e apenas um estudo realizou a formação mista, ou seja, parte do estudo foi realizada com alunos da graduação e parte com professores atuantes. Ambas estão descritas abaixo, no gráfico 5.

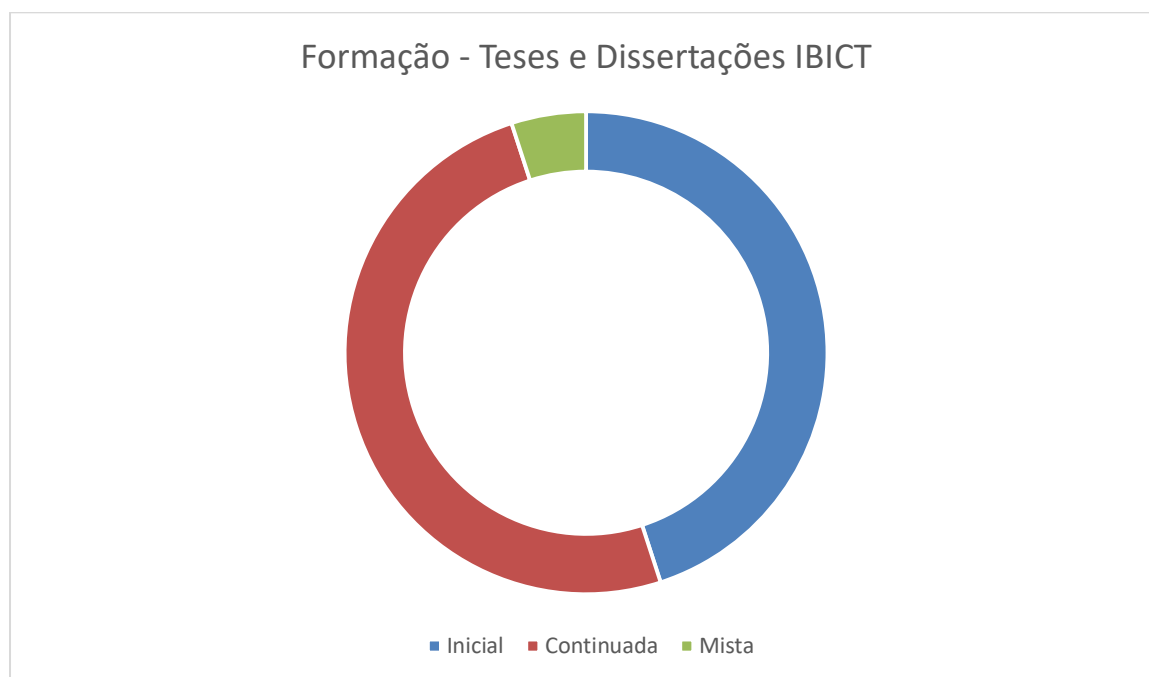
Gráfico 5 – Formação Inicial e/ou Continuada – Artigos do Portal de Periódicos Capes



Fonte: Os Autores

Quanto às formações utilizadas nas teses e dissertações do IBICT, verificou-se que nove estudos foram em formação inicial, ou seja, realizados com alunos da graduação dos cursos de licenciatura. Outros dez estudos foram realizados em formação continuada, com professores atuantes, principalmente, na rede pública de ensino, e um estudo se valeu do método misto, fazendo uma parte com graduandos e outra com professores na escola. No gráfico 6, abaixo, esses dados podem ser verificados.

Gráfico 6 – Formação Inicial e/ou Continuada – Teses e Dissertações IBICT



Fonte: Os Autores (2020)

A intervenção em Educação Sexual deve ser realizada por profissionais formados e capacitados, com um trabalho planejado e sistematizado, com tempo e objetivos limitados, além de ações que possibilitem informar, debater e refletir sobre questões da sexualidade com seus alunos, fazendo com que não seja apenas uma questão biológica, mas também social e política (Maia & Ribeiro, 2011).

Além disso, Ribeiro (2019) sugere que a formação seja baseada em cursos reconhecidos, inserção de disciplinas nos cursos de graduação e desenvolvimentos de projetos de Educação Sexual em escolas, sendo essencial o investimento dos poderes públicos.

Desse modo, Leão (2009, p. 115) complementa que “o que justifica a necessidade de disciplinas e específicas de sexualidade nos cursos de licenciaturas é a urgência do preparo dos futuros profissionais que atuarão no cenário escolar, em que deverão abordar este assunto, precisando, portanto, ser devidamente preparados”.

O/a futuro/a professor/a busca por uma formação completa, cabendo à universidade dar oportunidade para que ele possa ter experiências com os diversos assuntos, dentre eles os relacionados à sexualidade, visto que precisa estar preparado/a para a prática docente após sua formação inicial, buscando em sala de aula superar conflitos, selecionar as metodologias de ensino adequadas e experienciar o cotidiano escolar em todas as suas esferas (Oliveira, 2018).

Contudo, fica clara a importância do papel da universidade como instituição formadora de professores, rompendo com o modelo técnico-mecanicista que rege essa formação. Santos (2011) ressalta em seu estudo que é necessário que o professor se reconheça como educador, agindo de forma ampla, com consciência do caráter político de sua atuação, o que se articula em torno dos conceitos de cidadania, democracia, comunidade, solidariedade e emancipação individual e social. Para que isso ocorra de maneira efetiva, sua formação tem que possibilitar a construção desses saberes, indo além dos aspectos relativos à aprendizagem formal.

Na formação inicial, Brancaloni e Oliveira (2016) sugerem que sejam escutados os conceitos e preconceitos prévios dos discentes antes mesmo dos conhecimentos ligados aos conteúdos, para depois se promover uma discussão e reflexão que rompa com o lugar do suposto saber e normatização.

Já na formação continuada, os estudos de Pola (2018) revelam que a Educação Sexual é vista como um assunto novo entre professores e professoras, refletindo em sua própria reeducação sexual e servindo para preenchimento de lacunas em seu trabalho pedagógico.

Assim como nos estudos de Pena (2015), a formação continuada despertou o interesse, desejo e percepção dos docentes sobre a possibilidade e a necessidade de se abordar a temática da sexualidade em sala de aula.

5.4 Descrições dos estudos selecionados

O quadro 1, apresentado a seguir, descreve os artigos selecionados do portal de Periódicos Capes, onde é possível visualizar os objetivos de cada artigo, os resultados obtidos e os recursos utilizados para a realização da formação, assim como seus autores, a instituição a que pertence e o ano de publicação.

Quadro 1 – Descrição dos artigos do Portal de Periódicos Capes

Título	Educação Sexual na promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero
Autor/a	Brancaleoni, Ana P., Oliveira, Rosemary R.
Instituição	Universidade Estadual Paulista – Campus Jaboticabal
Ano	2016
Objetivos	Apresentar a experiência de um projeto de extensão que pretende trabalhar questões relativas à sexualidade e gênero em escolas públicas, seja através de oficinas com adolescentes, seja na formação e assessoria a educadores vinculados à rede, bem como promover a formação de licenciandos do curso de Ciências Biológicas de uma universidade pública paulista.
Resultados	As experiências de trabalho no projeto salientam as dificuldades enfrentadas pelos educadores no trabalho com temas referentes à sexualidade e gênero no cotidiano escolar, ressaltando a importância de se cuidar desse aspecto na formação inicial dos educadores de forma clara e assumida nos projetos político-pedagógicos. Outra questão que merece destaque é a importância de se priorizar metodologias de trabalho que favoreçam o diálogo, a livre expressão, a reflexão e a construção, na medida em que a mera transmissão de informações não sustenta a promoção de uma educação sexual promotora do respeito à diversidade sexual e de gênero.
Recursos	Oficinas

Título	“... Ele ficava apavorado e tampava os olhos”: Provocações de um filme atravessando formação docente, sexualidades e religiosidades.
Autor/a	Castro, Roney P.
Instituição	Universidade Federal de Juiz de Fora- MG
Ano	2016
Objetivos	Provocar e inquietar os alunos sobre a sexualidade, religiosidade e políticas; com o filme: Milk – a voz da igualdade
Resultados	A argumentação proposta neste artigo conduz a pensar que uma formação pode fazer algumas coisas com as estudantes. Servir para que a revolta cresça, para que se perceba a relevância de lutar pelos direitos, cada um(a) a(o) seu modo. Causar desconfortos, quebrar alguns preconceitos, tirar da <i>zona de conforto</i> . Porém, essa argumentação não se propõe como garantia de transformações estabelecidas de antemão, mesmo estudando ou problematizando a proposta de um enfrentamento de si mesmo que seja persistente. Um exercício de produzir-se a si mesma como modo de existência e de formação <i>ética-estética-política</i> . Exercitar subjetividades menos normatizadas, recusar jogos de poder como dominação e estratégias de subjugação do outro.
Recursos	Filme e diário de bordo
Título	O documentário como instrumento na educação para combater o preconceito de gênero: O caso Maria Luísa
Autor/a	Rhoden, V.; Silva, J. D., Oliveira, V. M. F.
Instituição	Universidade Federal de Santa Maria - RS
Ano	2019
Objetivos	Levantar a discussão sobre a importância que o documentário pode ter na educação como ferramenta de conscientização no ambiente escolar, para diminuir o preconceito na questão de gênero.
Resultados	O documentário faz uma crítica a diversos preconceitos, com destaque aos de gênero. Levar um instrumento audiovisual para a sala de aula é uma ótima estratégia para os professores conseguirem discutir com os alunos temas da atualidade, fatos históricos, drogas, gênero, saúde,

	meio ambiente e outros vieses. É importante o uso de materiais alternativos que sirvam de motivação para os alunos, levando-os a uma concentração maior, bem como a um desenvolvimento crítico e cultural. Os docentes podem utilizar esses recursos tanto para trabalhar os conteúdos a serem ministrados com os estudantes, como para complementar sua própria formação.
Recursos	Documentário
Título	As Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC na formação de professores(as) em Educação Sexual: o caso das E-oficinas na I COES.
Autor/a	Rossi, Célia R., Freitas, Dilma L.
Instituição	Universidade Estadual Paulista - Rio Claro (SP) / Universidade de Lisboa (Portugal)
Ano	2014
Objetivos	Relatar como as Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC, podem contribuir para a formação de professores(as) em educação sexual, através da experiência vivenciada com a realização das e-oficinas, que aconteceram na I Conferência on line de Educação Sexual - I COES.
Resultados	O(A) professor(a) amplia as suas possibilidades de atuar na escola, ao repensar e reconstruir os seus conceitos e pré conceitos relativos às temáticas da sexualidade, utilizando os recursos disponibilizados pelas novas tecnologias. A análise dos dados recolhidos com as e-oficinas da I COES possibilitou perceber o desvelamento da educação sexual intencional aos(às) professores(as) de maneira mais concreta. Verificou-se a construção de novos olhares, agora mais críticos e construtivos sobre a sexualidade e a educação sexual, por meio da problematização fundamentada acerca dos preconceitos e exclusões sociais desencadeados por estes temas.
Recursos	Webconferências, E-oficinas
Título	Projeto de intervenção em Educação Sexual com

	educadores e alunos de uma pré-escola.
Autor/a	Maia, Ana C. B.; Pastana, Marcela; Pereira, Patrícia C.; Spaziani, Raquel B.
Instituição	Universidade Estadual Paulista – Bauru (SP)
Ano	2011
Objetivos	Registrar e descrever as atitudes sobre sexualidade de crianças e de educadores na pré-escola, além de possibilitar que os educadores elaborassem um trabalho de educação sexual intencional junto a crianças a partir das observações.
Resultados	<p>Por meio das atividades realizadas em conjunto com as professoras, foi possível ilustrar como abordar o assunto de forma informativa, pedagógica e lúdica para levar as crianças a esclarecer suas dúvidas, conversar sobre curiosidades e questionar e desconstruir ideias e atitudes de discriminação.</p> <p>A receptividade e a disposição das professoras para conversar sobre o tema, relatar as situações presenciadas e buscar desconstruir atitudes que perceberam ser prejudiciais, aliadas à participação ativa das crianças, que demonstraram curiosidade e alegria na realização das atividades, foram pontos muito positivos deste trabalho. A formação continuada das professoras permitiu que questões como sexualidade, corpo humano, gênero e discriminação fossem abordadas de forma pedagógica, informativa e ética, ilustrando a possibilidade e a importância de trabalhar com o tema desde a educação infantil.</p>
Recursos	Dinâmica de grupo, textos reflexivos e discussões dialogadas
Título	Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor
Autor/a	Rhoden, Fabíola
Instituição	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RJ)
Ano	2009
Objetivos	Sensibilizar os(as) profissionais para os temas: gênero, sexualidade e raça/etnia.
Resultados	O primeiro ponto é exatamente a tensão mencionada a respeito da difícil fronteira entre público e privado no que concerne ao tratamento

	<p>dos temas do curso. Sem dúvida, precisamos explorar melhor a dificuldade percebida entre o respeito às convicções pessoais e o papel do educador público para promover a formação integral de um sujeito que seja capaz de romper com os ciclos de desigualdade. Ao mesmo tempo, torna-se imperativo também enfatizar a missão da escola pública como espaço livre dos dogmatismos de diversos tipos, garantindo de fato e de direito sua capacidade de acolher e respeitar as diferenças.</p> <p>O segundo ponto se refere às dificuldades de aceitação da diversidade e abertura para a transformação. Nesse aspecto, não é desprezível o fato de tanto gênero, quanto sexualidade e raça/etnia, tal como aparecem na nossa sociedade, terem sido concebidos historicamente sob o prisma das diferenças biológicas. Frequentemente, durante o curso, tivemos que lidar com a reafirmação desse tipo de fundamentalismo que atesta bases naturais para as desigualdades sociais.</p>
Recursos	Aulas online

Fonte: Os autores

Dentre os estudos, os objetivos das práticas em formação de docentes em Educação Sexual se referem-se, basicamente, em problematizações, provocações, sensibilizações e descrições de conteúdos de trabalho para uma maior efetivação da Educação Sexual na escola. São utilizados diversos recursos para atingir esses objetivos: filmes, oficinas, dinâmicas de grupo, aulas, supervisões, diário de bordo, textos reflexivos, E-oficinas. Todos esses recursos colaboram para construir novas reflexões e atitudes sobre sexualidade nos educadores.

Os resultados obtidos evidenciam dificuldades como lacunas na formação de professores em Educação Sexual e pouco tempo destinado aos professores para a formação. Entretanto, os pontos positivos que os estudos trouxeram foram: reflexão, sensibilização, receptividade dos educadores quanto à temática, assim como reconstrução de conteúdos e um novo olhar para a sexualidade.

Já no quadro 2, é possível verificar a descrição das teses e dissertações do IBICT, conteúdo cujo texto traz os objetivos, resultados e recursos utilizados, assim como seus autores e orientadores, a instituição a que pertencem e o ano de publicação.

Quadro 2 – Descrição das teses e dissertações do IBICT

Título	Narrativas autobiográficas e formação de educadores sexuais
Autor/a	Pena, Andreia L.
Orientador/a	Profa. Dra. Maria Luiza de Araújo Gastal
Instituição	Universidade de Brasília (UnB)
Ano	2015
Objetivos	Analisar como uma proposta de formação continuada, apoiada em uma prática reflexiva e tendo como aporte teórico-metodológico as narrativas autobiográficas, poderia contribuir com o processo de formação de professores de Ciências Naturais e Biologia em Educação Sexual.
Resultados	Os resultados das análises mostram que o vivido pelos professores, enquanto estudantes da educação básica e do ensino superior, interfere em sua prática pedagógica. A carência formativa do professor em sexualidade foi utilizada como justificativa para as dificuldades em trabalhar com o tema. As concepções dos professores sobre a sexualidade sugeriram associação dela com ideias de pecado e proibido.
Recursos	Narrativas autobiográficas
Título	Sexualidade: uma proposta metodológica para formação inicial de professores de Ciências Naturais
Autor/a	Oliveira, Luana M.
Orientador/a	Profa. Dra. Alice Melo Ribeiro e coorientação da Profa. Dra. Maria de Lourdes Lazarri Freitas
Instituição	Universidade de Brasília (UnB)
Ano	2018

Objetivos	Propor e avaliar uma disciplina na perspectiva de discutir temas sobre sexualidade e construir recursos didáticos na Universidade de Brasília no curso de Licenciatura em Ciências Naturais.
Resultados	Os estudantes relataram que a disciplina contribuiu para a reflexão, sensibilização e consciência sobre os temas relacionados à sexualidade. Deste modo, cabe defender a construção das atividades propostas na disciplina como um passo importante para fomentar os acervos de materiais didáticos, pois os mesmos proporcionam a interação do conhecimento científico com as vivências dos alunos, permitindo a reflexão sobre preconceitos, respeito, conhecimento do próprio corpo e também dos padrões conferidos diariamente pelo meio em que estão inseridos
Recursos	Discussões dos temas, seminários, diário de bordo.
Título	A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites.
Autor/a	Figueiró, Mary N. D.
Orientador/a	Prof. Dr. Celestino Alves da Silva Júnior.
Instituição	Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Campus Marília (SP)
Ano	2001
Objetivos	Refletir sobre a formação continuada de professores voltada para atuação positiva e humanizadora em Educação Sexual, buscando compreender o processo de construção do saber e do saber-fazer docente em Educação Sexual, no cotidiano escolar.
Resultados	Descobriram-se várias possibilidades do saber e do saber-fazer docente em Educação Sexual, no espaço cotidiano da prática escolar, que contribuíram para o desenvolvimento pessoal e profissional de cada professor, assim como para o processo de construção da identidade profissional do coletivo docente.
Recursos	Grupos de estudos, mutirão orientador, supervisões.
Título	Educação em sexualidades crítica: formação continuada de professores(as) com fundamentos na pedagogia histórico-crítica.
Autor/a	Biancon, Mateus L.
Orientador/a	Profa. Dra. Ana Lúcia Olivo Rosas Moreira

Instituição	Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Ano	2016
Objetivos	Conhecer os elementos necessários da prática social dos(as) participantes desta pesquisa, a fim de provocar mudanças nas questões que envolvem a educação e, especificamente, as questões de gênero e sexualidade nas escolas públicas.
Resultados	O processo formativo crítico pode elucidar os conflitos presentes na escola, oferecendo uma ação reflexiva transformadora do pensar e agir, em que os participantes do processo formativo, conscientes do seu papel político e emancipatório no combate às dominações e alienações a que estão sujeitas as pessoas, divididas em classes econômica, étnica, de gênero e sexualidade, possam assumir o papel de transformadores sociais.
Recursos	Ações educativas, reflexões críticas.
Título	“A gente não pensava nisso...”: Educação para a sexualidade, gênero e formação docente na região da Campanha (RS)
Autor/a	Hampel, Alissandra
Orientador/a	Profa. Dra. Jane Felipe de Souza
Instituição	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Ano	2013
Objetivos	Discutir e analisar a importância da inclusão de temas como gênero e sexualidade na formação de professores(as) da região da Campanha na perspectiva de uma educação para a sexualidade, que contemple um viés mais amplo, levando em conta os aspectos culturais, sociais e históricos em relação a esses temas.
Resultados	Apontaram a importância de se entender as escolas como espaços fundamentais de formação, onde os discursos e práticas por elas vinculados afetam o modo de ser e estar no mundo, trazendo a responsabilidade de refletir sobre tais espaços educativos, revendo suas ações, sua estrutura, seus conceitos e poderes.
Recursos	Artefatos culturais como música e obras literárias.
Título	Queerizando o ensino de línguas estrangeiras: potencialidades do cinema queer no trabalho com questões de gênero e sexualidade

Autor/a	Míguez, Antón C.
Orientador/a	Profa. Dra. Jane Mary Pereira de Almeida
Instituição	Universidade Presbiteriana Mackenzie
Ano	2014
Objetivos	Contribuir para a formação de professoras e professores de língua estrangeira, no sentido de incorporar aos âmbitos que se ocupam de sua formação, as discussões sobre gêneros e sexualidades no ensino de línguas.
Resultados	A proposta de se trabalhar questões de gênero e sexualidade a partir do cinema <i>queer</i> pode ser posta em prática durante as reuniões do grupo de discussão, revelando-se bastante satisfatória aos objetivos que pretendia alcançar: deslocamentos, mudanças de perspectivas e reposicionamento ético e político.
Recursos	Filme
Título	Educação Sexual e a formação de professores: Uma proposta para a formação inicial dos licenciados em Ciências Naturais (FUP).
Autor/a	Abreu, Andrezza R. L.
Orientador/a	Profa. Dra. Alice Melo Ribeiro e coorientação da Profa. Dra. Maria de Lourdes Lazzari de Freitas
Instituição	Universidade de Brasília (UnB)
Ano	2017
Objetivos	Buscar possibilidades para o ensino da Educação Sexual na formação inicial de licenciados em Ciências Naturais e reconhecer a importância de se aprimorar a prática pedagógica frente ao desafio de abordagem dessa temática no ambiente educacional.
Resultados	A proposta educativa de uma disciplina contribui para abertura de espaço para discussões e reflexões acerca da Educação Sexual no curso de Ciências Naturais. Os alunos se mostraram entusiasmados com a possibilidade de aprendizagem sobre a temática. As reflexões apresentadas indicam que é possível uma mudança de postura, quebra de paradigmas, bem como reconhecimento de preconceitos absorvidos pela sociedade em que estão inseridos.

	A prática reflexiva e as discussões também puderam levá-los ao desenvolvimento de estratégias e recursos didáticos para trabalhar a temática em sala de aula com segurança e confiança.
Recursos	Aulas presenciais, leituras de textos, seminários, roda de conversa.
Título	Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores
Autor/a	Camilo, Vanessa C. S.
Orientador/a	Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez
Instituição	Universidade Estadual Paulista (Unesp) Campus Araraquara (SP)
Ano	2019
Objetivos	Investigar e intervir nas percepções dos educadores da Educação Infantil sobre educação sexual; como objetivos específicos, verificar o conhecimento que os educadores possuem sobre gênero na Educação Infantil, além de organizar, propor e analisar a formação continuada de educadores em relação à infância, à sexualidade e ao gênero.
Resultados	Ausência de estudos a respeito da formação docente, os quais são reafirmados na falta de formação inicial ou continuada ao educador, trazendo insegurança sobre como se posicionar e trabalhar com a criança; a importância de pensar uma formação a partir das demandas apontadas pelos educadores vivenciadas no universo escolar sobre sexualidade, gênero e educação sexual, com a ideia de continuidade de aprendizado para as demais faixas etárias na Educação Infantil; a formação trazendo grande impacto, transformando posturas e posicionamentos de maneira facilitadora, através das atividades didáticas de fácil acesso mesmo diante de todas as mudanças de percurso que a sexualidade passa, estando ainda interligada a crenças, mitos, tabus e até repressões governamentais.
Recursos	Atividades lúdicas
Título	Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo.
Autor/a	Crociari, Ariane
Orientador/a	Profa. Dra. Marcia Cristina Argenti Perez.

Instituição	Universidade Estadual Paulista (Unesp) Campus – Araraquara (SP)
Ano	2020
Objetivos	Compreender a formação inicial do pedagogo acerca da percepção dos conceitos de gênero no âmbito da Educação Infantil, assim como contribuir para sua melhor prática docente por meio de uma proposta interventiva.
Resultados	Como resultado, uma defasagem existente no que diz respeito à aprendizagem sobre Educação Sexual e gênero. Em sua grande maioria, os futuros profissionais educacionais relatam a falta de conteúdo como assunto. De acordo com a ausência constatada de uma formação inicial crítica e emancipatória, sobre as questões da sexualidade e gênero, compreendemos a necessidade de investimento na área em questão, no que diz respeito ao preparo dos pedagogos para agir e lidar com confiança, respaldo e autonomia no âmbito escolar.
Recursos	Atividades lúdicas
Título	Imaginário social e formação continuada: o olhar para as discussões de gênero, etnia e diversidade sexual
Autor/a	Machado, Gabriella E.
Orientador/a	Profa. Dra. Valeska Maria Fortes de Oliveira
Instituição	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Ano	2018
Objetivos	Conhecer, por meio do cinema na formação de docentes, suas significações imaginárias em relação às questões de gênero, etnia e diversidade sexual, que permeiam as escolas e o cotidiano dos alunos e alunas.
Resultados	Os encontros com cinema foram proveitosos no sentido de promover a aproximação entre os docentes com a problematização dos temas da pesquisa. O baralho das significações imaginárias sociais foi importante para o acesso às histórias de vida dos professores. As cartas provocaram exercício de reflexão sobre a formação, as questões em debate, bem como sobre a própria vida e trajeto dos participantes.
Recursos	Filme, baralho das significações imaginárias sociais, cartas

Título	Narrativas audiovisuais e redes de significações sobre gênero e sexualidades nos/com os cotidianos de um curso de formação de professores.
Autor/a	Costa, Simone G.
Orientador/a	Profa. Dra. Maria da Conceição Silva Soares
Instituição	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Ano	2014
Objetivos	Investigar fragmentos da tessitura das redes de saberes fazeres sobre gênero e sexualidades criadas com diferentes usos de narrativas cinematográficas em múltiplos contextos cotidianos dentro fora da UERJ, buscando, porém, percebê-las quando estão sendo entrelaçadas e transformadas nos cotidianos do curso de formação.
Resultados	O uso de diferentes audiovisuais pode produzir maneiras para se inventar sensibilidades e estéticas éticas de existência. Com isso, lançaram-se sementes em busca constante na perspectiva de serem instituídas relações mais justas, combatentes dos processos de violência e exclusões motivados por diferença de gênero e sexualidades.
Recursos	Filmes, leitura de textos, debates
Título	Games e gênero: as contribuições dos jogos eletrônicos na formação dos pedagogos.
Autor/a	Malta, Aline R.
Orientador/a	Prof. Dr. Marcelo Sabbatini
Instituição	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Ano	2016
Objetivos	Analisar a contribuição deste recurso tecnológico para a sensibilização sobre a identidade de gênero no curso de graduação de Pedagogia.
Resultados	Percebemos a possibilidade do uso dos jogos eletrônicos, não somente na formação dos profissionais da educação, mas junto aos próprios aprendizes em fase inicial de formação, como forma de suscitar discussões sobrogênero e sexualidade, entre outras formas de diversidade.
Recursos	Jogos eletrônicos

Título	Orientação sexual e HPV: as concepções docentes e a construção de uma proposta colaborativa de formação continuada para professores do ensino fundamental.
Autor/a	Vieira, Maria I. S.
Orientador/a	Prof. Dr. Fábio Augusto Rodrigues e Silva
Instituição	Universidade Federal de Ouro Preto
Ano	2016
Objetivos	Desenvolver uma proposta colaborativa de desenvolvimento profissional docente sobre Orientação Sexual e HPV baseada na abordagem emancipatória, destinada a professores de uma escola da rede pública.
Resultados	Os resultados obtidos indicam uma boa aceitação por parte dos professores quanto à participação em ações de formação que contribuam para superação das dificuldades ao trabalhar o tema HPV. A proposta colaborativa de formação continuada desenvolvida neste estudo pode contribuir positivamente para agregação e compartilhamento de saberes presentes na prática profissional docente.
Recursos	Oficinas
Título	“Minha vida daria um filme?”: geografias de vida em territórios de corpos, gêneros e sexualidades
Autor/a	Carvalho Filho, Evanilson G.
Orientador/a	Prof. Dr. Marlécio Maknamara
Instituição	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Ano	2018
Objetivos	Analisar as imagens de futuros(as) professores(as) de Ciências quanto a corpos, gêneros e sexualidades através de suas histórias de vida.
Resultados	O que consegui burilar diante dessa matéria bruta foi um encontro com desejos, afetos, potências, alegrias, linhas de fuga. Mas também pude perceber receios, inquietações, grandes damas que acreditavam que suas vidas dariam, no máximo, um filme de baixa bilheteria, daqueles que não chamariam a atenção do grande público.
Recursos	Cartografia, criação de personagens conceituais, mapa de geografias da vida.

Título	A temática sexualidade como geradora de uma proposta interdisciplinar: contribuições para a formação de professores da rede pública
Autor/a	Perdomo Júnior, Joelio D.
Orientador/a	Prof. Dr. Robson Luiz Puntel
Instituição	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Ano	2015
Objetivos	Investigar a construção, pelos professores, de uma proposta interdisciplinar para 1ª série (1º ano) do ensino médio, partindo da temática da sexualidade.
Resultados	Os professores apontaram estratégias metodológicas para desenvolver a proposta junto aos alunos, como discussões, produção textual e ações reflexivas.
Recursos	Construção de propostas interdisciplinares pelos professores.
Título	Sexualidade humana e Educação Sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores(as) do ensino fundamental.
Autor/a	Pola, Lorena C. A. G.
Orientador/a	Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia
Instituição	Universidade Estadual Paulista (Unesp) Campus Araraquara (SP)
Ano	2018
Objetivos	Elaborar, desenvolver e descrever uma proposta de formação de professores em Educação Sexual, em consequência da inserção desse tema no Projeto Político-Pedagógico em uma unidade escolar.
Resultados	As professoras relataram estarem mais preparadas e confiantes para assumirem ações pedagógicas em temas da sexualidade com seus/suas alunos(as), apesar da necessidade de uma formação mais prolongada e constante.
Recursos	Aulas presenciais, palestras, análise de material didático.
Título	Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: proposta interventiva e assessoramento para projetos de Educação Sexual em Abaetetuba (PA).
Autor/a	Rodrigues, Suellen S.
Orientador/a	Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão.

Instituição	Universidade Estadual Paulista (Unesp) Campus Araraquara (SP)
Ano	2017
Objetivos	Averiguar as demandas dos profissionais da educação e saúde relativas à sexualidade e educação sexual, para elaborar e implementar propostas interventivas em sexualidade e educação sexual direcionadas aos mesmos, acompanhando-os e assessorando-os no desenvolvimento de projetos de educação sexual.
Resultados	Verificaram-se várias contribuições que a formação propiciou nas concepções desses profissionais e no manejo para abordagem do tema na prática. Percebeu-se que esses profissionais necessitam de formação e informação para desenvolverem trabalhos interventivo de sexualidade.
Recursos	Oficinas
Título	Educação Sexual: práticas pedagógicas em aulas de Ciências de escolas da diretoria de ensino de Votorantim (SP)
Autor/a	Rodrigues, Viviani A. S.
Orientador/a	Prof. Dr. Hylío Laganá Fernandes
Instituição	Univesidade Federal de São Carlos (UFSCar)
Ano	2015
Objetivos	Conhecer e analisar as práticas pedagógicas em Educação Sexual, realizadas por professores de Ciências, verificando em que medida a formação continuada interfere em suas concepções e ações nas aulas.
Resultados	Por meio dos encontros nas escolas, foi possível constatar que os professores de Ciências adotaram outras recomendações, como a utilização de recursos didáticos, títulos de filmes, slides, imagens, dinâmicas, entre outros. Verificou-se também que as tendências predominantes nos discursos e práticas dos professores de Ciências estão inseridas nas abordagens biológico-higienista e/ou moral-tradicionalista.
Recursos	Caixa de dúvidas, cenários hipotéticos
Título	Violência sexual e a formação de educadores: uma proposta de intervenção.
Autor/a	Santos, Rita C. F.

Orientador/a	Profa. Dra. Renata Maria Coimbra Libório
Instituição	Universidade Estadual Paulista (Unesp) Campus Presidente Prudente (SP)
Ano	2011
Objetivos	Verificar o conhecimento de alunos dos penúltimos anos dos cursos de licenciatura da FCT/Unesp sobre o tema violência sexual contra crianças e adolescentes e aplicar um programa de intervenção junto aos licenciandos, visando a uma formação profissional sobre a temática.
Resultados	A análise do desempenho dos estudantes mostrou que aconteceram mudanças do momento pré-intervenção para o momento pós-intervenção. Essas mudanças ocorridas foram em torno dos discursos sobre as atitudes, mais do que em torno dos saberes dos participantes.
Recursos	Filmes, discussões de conceitos, leituras, palestras, dramatizações
Título	Oficinas como dispositivo na formação de professores: produção discursiva sobre sexualidade
Autor/a	Tadielo, Francine N. M.
Orientador/a	Profa. Dra. Deisi Sangoi Freitas
Instituição	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Ano	2013
Objetivos	Buscar refletir sobre papéis destinados aos professores, tais como o de fazer funcionar na escola saberes considerados necessários, mediante dispositivos como políticas públicas, em especial as que sinalizam o tratamento de questões de sexualidade em sala de aula pelo professor.
Resultados	As oficinas oportunizaram a abertura de espaços para discussões, questionamentos, onde nenhum saber é considerado melhor que o outro.
Recursos	Oficinas, filmes, músicas.

Fonte: Os Autores (2020)

Nas teses e dissertações, os objetivos estavam baseados em: autoreflexão dos/as professores/as sobre sexualidade; construção de recursos didáticos; discussão, reflexão, provocação sobre o tema sexualidade; análise das práticas pedagógicas; construção de

estratégias metodológicas; aplicação de programas de intervenção. Para isso, foram utilizados os seguintes recursos metodológicos: narrativas autobiográficas, oficinas, seminários, diário de bordo, grupo de estudo, supervisão, dramatização, ações educativas, jogos eletrônicos, música, caixa de dúvidas, filme, baralho de significações, aulas, textos, rodas de conversas, atividades lúdicas, cartografia.

Os resultados apresentaram como principais dificuldades a carência formativa dos docentes, concepções da sexualidade ligadas à ideia de pecado e proibido, pouca adesão e interesse dos participantes. Entretanto, vários pontos positivos foram pontuados: reflexão, sensibilização, conscientização sobre o tema sexualidade por parte dos participantes; desenvolvimento pessoal e profissional; construção da identidade profissional; professores mais preparados e confiantes, podendo rever suas ações e conceitos; mudanças de perspectivas e posicionamento ético e político por parte dos participantes; além de alguns receios e inquietações que são naturais acontecerem em processos de reconstrução de conceitos.

Esses resultados corroboram com a fala de Ribeiro (2013), da necessidade de se formar profissionais conscientes da importância do desenvolvimento de ações efetivas no campo da sexualidade e da Educação Sexual, capacitados para trabalhar com Educação Sexual na escola e nos diferentes ambientes de saúde, dado que isso é imprescindível para melhorar a formação e informação das pessoas em sua globalidade e totalidade.

Assim como comprova Biancon (2016), o trabalho de formação de professores e professoras oferece uma ação transformadora do pensar e do agir, fazendo com que a escola possa ser um ambiente democrático, de maior liberdade e apropriação de conhecimentos, a fim de formar cidadãos mais críticos para exercerem seu papel de agentes transformadores na sociedade.

Portanto, nota-se a grande importância dos estudos relacionados à Educação Sexual e formação de docentes, pois através deles são formados profissionais capacitados para mediar

conhecimentos sobre sexualidade com o público infantojuvenil. Maistro et al. (2009) relatam que os educadores só estarem informados não garante conhecimento, bem como não representa transformações de valores e atitudes nos mesmos. Sendo assim, mais do que transmitir informação, a Educação Sexual deve buscar caminhos que levem alunos e alunas a refletirem, sistematizando informações para utilizá-las, buscando vivenciar de forma saudável sua sexualidade.

6 ANÁLISE DAS CATEGORIAS

Segundo Bardin (1977, p. 105), “fazer análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentidos que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”.

O quadro 3 descreve os recursos metodológicos utilizados nas práticas docentes das formações de professores e professoras em Educação Sexual, assim como dos artigos, teses e dissertações selecionados para a pesquisas, totalizando 26 (vinte e seis) estudos. Os recursos utilizados nas pesquisas foram os mais variados, englobando desde filmes, oficinas, leitura de textos, aulas expositivas, atividades lúdicas, seminários, reflexões, música; até outras que apareceram em menor número como cenários hipotéticos, dramatizações, caixa de dúvidas, cartografia, jogos eletrônicos, narrativas autobiográficas, diário de bordo, grupo de estudos, supervisões, roda de conversa, ações educativas, cartas e baralho das significações imaginárias sociais.

Quadro 3 – Recursos metodológicos utilizados nas práticas docentes.

RECURSOS UTILIZADOS	NÚMERO DE ESTUDOS (artigos, teses e dissertações)	PORCENTAGEM (%) (Total de 26 estudos)
Filmes	7	26,92%
Oficinas	5	19,23%
Aulas	3	11,54%
Seminários	2	7,69%
Diário de bordo	2	7,69%
Músicas	2	7,69%

Rodas de conversa	2	7,69%
Atividades lúdicas	2	7,69%
Dinâmicas de grupo	1	3,85%
Dramatizações	1	3,85%
Grupos de estudos	1	3,85%
Ações educativas	1	3,85%
Jogos eletrônicos	1	3,85%
Cartografia	1	3,85%
Caixa de dúvidas	1	3,85%
Narrativas autobiográficas	1	3,85%

Fonte: Os Autores (2021)

Nota-se que é possível utilizar vários recursos para a formação em sexualidade, dos quais os/as professores/as se apossam de conhecimentos e técnicas que os empoderam na discussão da temática, livres de tabus e preconceitos, através de uma visão mais positiva da sexualidade.

O educador não pode esquivar-se de reeducar-se sexualmente, investindo em sua formação continuada, pois se o que pensa e sente em relação à sexualidade for positivo, livre de tabus e preconceitos, se tem uma visão bonita do corpo e da sexualidade, então estará preparado para lidar de forma construtiva com os fatos do dia a dia em que estiver presente, seja em casa, ou na escola onde trabalha (Figueiró, 2018, p. 62).

Em seguida, esses recursos foram agrupados em cinco categorias para realizar a análise temática. A categorização foi realizada baseada na classificação de elementos construtivos dos trabalhos, por diferenciação e reagrupamento segundo a analogia com os critérios previamente definidos. E, para classificar as categorias, utilizou-se da investigação do que cada um dos trabalhos tem em comum com outros, o que permitiu o agrupamento das partes comuns existentes entre eles (Bardin, 1977, p. 117-118).

Sendo assim, esse estudo foi agrupado em 5 (cinco) categorias:

- Categoria 1 – Recursos audiovisuais
- Categoria 2 – Oficinas
- Categoria 3 – Autoconhecimento
- Categoria 4 – Autoexpressão
- Categoria 5 – Métodos Tradicionais

6.1 Categoria 1 – Recursos audiovisuais

Nessa categoria, foram agrupados os recursos metodológicos referentes a filmes, música e jogos eletrônicos utilizados nos estudos.

O filme possibilita a percepção mais sensível de algumas problemáticas e a possibilidade de se olhar sob outra perspectiva. Também é uma experiência significativa, havendo em alguns casos uma identificação com os temas e personagens representados (Míguez, 2014).

A experiência que o filme nos proporciona também nos educa para a sensibilidade, o olhar e nos ajuda perceber o mundo, a nos perceber e nos reinventar. Há muito o que se explorar no cinema, seja pelas possibilidades estéticas, éticas, políticas e educativas que oferece, como alternativa à rigidez das sistematizações do conhecimento (Míguez, 2014).

Rhoden, Silva e Oliveira (2019) entendem que fazer uso de um instrumento audiovisual em aulas é uma estratégia para problematizar e discutir qualquer tema. No entanto, o docente deve ter um conhecimento prévio do mesmo, podendo trabalhar conteúdos a serem ministrados, como complementar a formação. Esse tipo de material motiva o público, levando-o a uma concentração maior, bem como um desenvolvimento crítico e cultural.

No entanto, pensar numa aproximação do uso de vídeos para a formação em Educação Sexual nos leva a refletir, como aponta Silva (2020), que a educação e os meios de comunicação de massas, como áreas distintas, podem ser observados como algo que lida com os objetos culturais de formas diferentes. Para o autor, “este fator se deve principalmente a uma dificuldade do educador (escola) em se aproximar e enfrentar esses objetos audiovisuais (cultura), como se cultura e escola pudessem ser divididas” (Silva, 2020, p. 355).

Louro (2008) também corrobora com essa visão quando diz que os filmes exercitam pedagogias culturais através do poder de sedução e autoridade, exercendo pedagogias da sexualidade sobre quem os assiste.

Com isso, “o vídeo para fins educativos pode sim contribuir, e muito, para reflexões importantes sobre diversas temáticas no âmbito educacional, possibilitando ainda o poder fazer-se cultura” (Silva, 2020, p. 359).

Diante do exposto, o filme é um artefato cultural que possibilita ao espectador um envolvimento com a trama, refletindo e incitando uma discussão sobre cada tema em questão, sendo um recurso pedagógico rico para atingir todas as etapas do conhecimento, ampliando as possibilidades de estabelecer relações para pensar de outro modo o presente que se vive (Fischer, 2007).

Pensando no ambiente escolar, o filme, quando utilizado como meio educativo, e qualquer que seja seu gênero, demonstra que “nosso papel é possibilitar não apenas as reflexões do que já foi pensado/apresentado no material, mas ensinar o aluno a pensar por si só,

ressignificando o que foi apresentado, atribuindo assim ao material novos sentidos e novas concepções” (Silva, 2020, p. 367).

Os jogos eletrônicos também colaboram muito para a sensibilização na reflexão de assuntos sobre sexualidade. Malta (2016) constata que os alunos puderam escolher para construir seu personagem quanto à forma de andar, tom de voz, cabelo, tom de pele, peso e estatura, roupas, maquiagem, etc., podendo refletir sobre identidade de gênero, questões étnico-raciais, classes sociais, religião, necessidades especiais, orientação afetivo-sexual, entre outras.

Portanto, Fischer (2007, p. 298) aposta que

há um emaranhado rico de práticas, envolvendo toda uma tecnologia de produção de imagens, modos diferenciados de recepção e apropriação de narrativas audiovisuais, é apostar na análise das mídias como elementos fundamentais da cultura contemporânea. Significa também arriscar a pensar que há um sem-número de materiais audiovisuais, do cinema, do vídeo e da televisão, em que as escolhas éticas e estéticas dos criadores se pautam pelas incertezas da linguagem, pelo não fechamento das interpretações, pelas pequenas cintilações de uma obra aberta, disponível a um criativo gesto educacional.

6.2 Categoria 2 – Oficinas

Nessa categoria, foram agrupados os recursos metodológicos referentes a oficinas, atividades lúdicas e ações educativas.

Oficinas, atividades lúdicas, ações educativas, construção de materiais, proporcionam a interação do conhecimento científico com as vivências de alunos, permitindo a reflexão sobre

preconceito, respeito, conhecimento do próprio corpo, entre outros, além de proporcionar um aumento no acervo de materiais didáticos na escola. Camilo (2019) aponta que as atividades lúdicas são facilitadoras do aprendizado, sendo uma estratégia para trabalhar questões relacionadas a sexualidade.

Crociari (2020) também relata em seu estudo que a utilização de atividades lúdicas tem o intuito de enfatizar conceitos e sanar possíveis dúvidas, favorecendo uma melhor prática docente e possibilitando reflexões críticas do professor em formação em Educação sexual.

Quanto às oficinas, percebe-se que são essenciais para a formação de docentes, pois nelas estes profissionais podem expor suas ideias, seus conhecimentos prévios, informações baseadas no senso comum. Tadielo (2013) revela que oficinas propõem espaço para o diálogo, seja de silêncios ou falas, podendo pensar coletiva ou individualmente sobre certo tema. De igual maneira, Brancaloni e Oliveira (2016) destacam que as oficinas favorecem a reflexão e clarificação de crenças e valores sobre sexualidade.

6.3 Categoria 3 – Autoconhecimento

Nessa categoria, foram agrupados os recursos metodológicos referentes ao diário de bordo, roda de conversa, cartografia, caixa de dúvidas e narrativas autobiográficas.

O autoconhecimento é uma peça importante na formação em Educação Sexual, pois requer que o professor ou a professora reflita sobre sua própria sexualidade. Josso (2010, p. 34) destaca que “o adulto, por seu status antropológico e sociológico, requer uma proposta pedagógica que valorize os processos formativos experimentados pelo sujeito ao longo de sua existência, que busque ouvir a singularidade das histórias de vida trazidas por cada um”. O autor acrescenta que ouvir a história contada pelo outro, ativa, em quem ouve, momentos

vividos e esquecidos. Desse modo, ao ouvir uma história de vida, quem ouve não deve julgar, mas buscar dentro de si questões que dialogam com a história ouvida.

Segundo Míguez (2014), a roda de conversa tem um caráter terapêutico pela própria dinâmica de poder compartilhar com outras pessoas experiências, vivências, medos, dúvidas e questionamentos. Sendo assim, o fato de se sentirem à vontade para falar abertamente de sua sexualidade e desejos reforça ainda mais essa percepção e experiência.

Figueiró (2018, p. 96) também afirma que debater e trocar ideias sobre o tema em estudo “possibilita aos discentes entrar em contato com diferentes posicionamentos para, a partir daí, formar suas próprias opiniões e se preparar para tomar decisões próprias, além de aprender a respeitar opiniões diferentes da sua”.

6.4 Categoria 4 – Autoexpressão

Nessa categoria, foram agrupados os recursos metodológicos referentes à dinâmica de grupo e dramatizações.

Segundo Figueiró (2018, p. 99), “as dinâmicas de grupo são recursos para facilitar a construção de conhecimentos e a elaboração de sentimentos e precisam estar integradas a um objetivo maior, o que significa que devem ser usadas como meio e não como um fim em si mesmas”. Dessa maneira, é preciso cuidar do processo reflexivo e educativo contido na dinâmica, e não esperar resultados imediatos, já que, no desenvolvimento social e pessoal, os resultados aparecem a longo prazo (Figueiró, 2018).

Quanto ao recurso de dramatização, Paiva (2000, p. 212) relata que “uma cena viva tem mais legitimidade para um público com pouca paciência para escutar discursos conceituais ou que tem pouca prática de refletir sobre sua fala”. Além disso, a autora afirma que, na dramatização, os atores experimentam situações e criam soluções para cada obstáculo.

Figueiró (2018) acrescenta que, na dramatização, pode-se trocar os papéis entre os atores para que experienciem situações diferentes e, no final, todos devem relatar o que sentiram e o que elaboraram com a encenação.

6.5 Categoria 5 – Métodos tradicionais

Nessa categoria, foram agrupados os recursos metodológicos referentes a aulas expositivas, seminários, e grupos de estudo.

É evidente que na formação em Educação Sexual é necessário um entendimento amplo da sexualidade, abrangendo além do sexo no aspecto biológico, valores, atitudes e normas socioculturais ligadas à sexualidade. Porém, esse conhecimento não pode estar reduzido apenas às aulas expositivas, podendo ter também ser parte de um diálogo com alunos e alunas para que possam participar ativamente, pensando e expressando, tanto intelectual, como afetivamente. Senão, corre-se o risco dos conhecimentos aprendidos, através das aulas expositivas, seminários ou grupos de estudos, não serem tão assimilados pelo educando.

Abreu (2017) aponta que os educadores necessitam repensar sua própria sexualidade, seus sentimentos, atitudes e valores. Portanto, questões ligadas à sexualidade não devem existir apenas como um instrumento teórico em sua formação. A autora acrescenta que ter uma disciplina ligada ao tema sexualidade abre espaço para discussões e reflexões acerca do tema, mas é preciso sensibilizá-los também com textos discutidos para uma mudança de postura, quebra de paradigmas, bem como reconhecimento de preconceitos inseridos pela sociedade.

Dessa maneira, Figueiró (2018, p. 95) afirma que

o ensino da sexualidade não pode limitar-se à aula expositiva, embora, em vários momentos, ela pode fazer-se necessária, pois há conteúdos básicos que

requerem explanação teórica por parte do professor. Mesmo assim, é preciso cuidado para que não seja um monólogo, onde apenas ele exponhamas, pelo contrário, que consiga desenvolver uma aula expositiva dialogada.

Assim, nota-se que é necessário trabalhar a Educação Sexual em sala de aula, mas além de aulas expositivas, acrescentando recursos didáticos, dinâmicas, jogos etc., para que haja diálogo e reflexão sobre a temática. Como afirma Figueiró (2018, p. 96), “a aula expositiva é indicada neste campo, desde que se leve em conta a espontaneidade e a participação dos alunos, que se dê espaço para as dúvidas e que possa ser combinada com outras estratégias”.

Por isso, qualquer que seja o recurso utilizado, é importante que o/a professor/a conheça o instrumento e formule maneira de motivar os/as alunos/as a um desenvolvimento crítico e cultural, “além de possibilitar reflexões e ensinar o aluno a pensar por si só, ressignificando o que foi apresentado, atribuindo ao material novos sentidos e novas concepções” (Silva, 2020, p. 367).

Fica evidente que, para ser efetivo, o trabalho de Educação Sexual na escola precisa se valer de um caráter pedagógico, ou seja, o/a professor/a poderá identificar em que momento abordará alguns conteúdos de forma sistemática e planejada. Com isso, se utiliza de um espaço para que, através de dinâmicas, projetos, vivências, dramatizações, possa problematizar, levantar questionamentos, ampliar a visão de mundo e de conhecimento, com relação à sexualidade, discutindo os tabus, crenças, preconceitos e atitudes da sociedade. Ou seja, o papel do/a professor/a é ser mais um provocador de ideias do que um expositor de matérias. Esses métodos valorizam o diálogo, o autoconhecimento e a integração entre pensar, sentir e agir, criando um ambiente de confiança e de reflexão (Figueiró, 2018).

Silva (2010, p. 83) relata que a Educação Sexual efetiva “pressupõe uma criatividade capaz de contagiar e dinamizar não só a escola, mas a própria realidade da educação pública

brasileira. E o preparo do professor desde a formação inicial é pré-requisito para que isso se efetive, haja vista sua importância capital como implementador das políticas públicas de educação”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse trabalho, percebe-se a importância da Educação Sexual na escola, para que alunos e alunas possam vivenciar sua sexualidade com mais responsabilidade, respeito e prazer. Para isso, entende-se que é fundamental que o docente receba uma formação inicial e/ou continuada direcionada a essa temática, pois assim se sentirá mais à vontade e com mais embasamento teórico para implementar este trabalho.

Em verdade, seria oportuno que as licenciaturas já abordassem a sexualidade em suas disciplinas e os cursos de formação continuada proporcionassem um aperfeiçoamento e especialização junto a esse tema tão regado de tabus e preconceitos.

As análises de artigos, teses e dissertações, permitiram entrar em contato com as práticas sobre Educação Sexual que estão sendo utilizadas nos cursos de formação inicial e continuada. Sendo assim, pode-se verificar que os estudos se pautaram em vários recursos metodológicos para atingir seus participantes a reflexão, autoconhecimento, problematizações, ações, sentimentos, relacionados à sua própria sexualidade e a do outro.

No momento político pelo qual o Brasil perpassa, com um governo conservador, bancadas religiosas e direitistas, se torna cada vez mais difícil adentrar nas escolas e realizar um trabalho de Educação Sexual, seja com alunos/as, seja com professores/as. O tema ainda é visto como incentivo ao sexo, à promiscuidade, ao pecaminoso e ao proibido. Há a necessidade de se implementar políticas públicas que enfatizem a Educação Sexual como prevenção, reconstrução de uma sexualidade com mais prazer, responsabilidade e menos repressões.

Percebe-se que existe uma deseducação sexual na contemporaneidade, ou seja, não é permitido falar sobre sexualidade, mas sim que os jovens se sintam libertos para exercer sua

sexualidade sem nenhuma orientação. Essa é uma responsabilidade política-social-pedagógica, na qual cabe ao professor também atuar como protagonista.

Os cursos EAD, que se apresentam em pequeno número nas pesquisas, agora podem ser mais utilizados, tendo em vista que o ensino escolar está passando por uma mudança devido à pandemia de Covid-19. Trata-se de uma ótima oportunidade para que sejam elaborados cursos de formação em Educação Sexual em plataformas virtuais, permitindo o acesso àqueles interessados que possuem menores condições financeiras e de deslocamento.

Planejar ações que envolvam projetos de Educação Sexual na escola não é algo simples, pois além do desejo da ação, é necessária uma preparação específica do professor – uma formação inicial e continuada.

Ao final da análise temática das categorias, nota-se que recursos audiovisuais, oficinas, métodos que proporcionam o autoconhecimento, métodos que proporcionam a autoexpressão e até os métodos tradicionais utilizados em sala de aula, formam elementos ricos para a reeducação de professores e professoras, assim como permitir que mergulhem em sua própria sexualidade para um conhecimento íntegro e global. Cada recurso utilizado tem sua função e importância dentro da formação. No entanto, se esses recursos forem realizados de forma concomitante, pode-se chegar a uma maior eficácia.

Portanto, a luta para levar a Educação Sexual para a escola é ainda muito árdua e delicada, mas sem a formação de professores/as e membros da escola, não se atinge o público discente visando à mediação dos conhecimentos de sua própria sexualidade, suas relações interpessoais, seu corpo e tudo que envolve o ser humano.

Percebe-se que são necessários mais estudos que envolvam as práticas nas formações de professores/as sobre a Educação Sexual, assim como disciplinas nos cursos de graduação das licenciaturas que possam contemplar a temática, a fim de que os/as professores/as não se omitam de mediar esse conhecimento e saibam lidar com os preconceitos e julgamentos

imersos na nossa sociedade. Da mesma maneira, se faz imprescindível a formação continuada para o aperfeiçoamento de conhecimentos e criações de mais ações educativas.

REFERÊNCIAS

- Abreu, A. R. L. (2017). *Educação Sexual e a Formação de professores: Uma proposta para a formação inicial dos licenciandos em Ciências Naturais*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em ensino de Ciências.
- Alevato, H. (2012). *Nexus & Sexus: (Trans) formações docentes*. In: Reis, M. A. S., & Alevato, H. (Orgs.). *Nexus & Sexus: perspectivas instituintes*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ.
- Almeida, A. L. B. (2019). *Corpo, prazer e sexualidade: um diálogo possível*. In: Canosa, A. C., Zacharias, R. & Koehler, S. M. F. *Sexualidades e violências: um olhar sobre a banalização da violência no campo da sexualidade*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Aratanga, L. R. (1995). *Sexualidade: a arte do encontro*. Editora Ática: São Paulo, SP.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70.
- Bernardi, M. (1985). *A deseducação sexual*. São Paulo: Summus.
- Biancon, M. L. (2016). *Educação em sexualidade crítica: formação continuada de professoras (es) com fundamentos na Pedagogia histórico-crítica*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática. Maringá, PR.

Brancaleoni, A. P. L. & Oliveira, R. R. (2016). *Educação sexual na promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero*. Revista ELO – Diálogos em Extensão. V. 05, nº 02.

Brasil (2017). *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. MEC, 2017.

Brasília, DF. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

Brasil (2017). *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Temas contemporâneos*. MEC, 2017. Brasília, DF. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf

Brasil. (1997). *Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual*. MEC, 1997. Brasília, DF.

Britzman, D. (1999). *Curiosidade, sexualidade e currículo*. In: Louro, G. L. (Org.) *O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade*, Belo Horizonte: Autêntica.

Bruns, M. T., & Almeida, S. (2010). *Sexualidade: preconceito, tabus, mitos e curiosidades*. Campinas, SP: Editora Átomo.

Camilo, V. C. S. (2019). *Infância, gênero e educação infantil: percepções e ações na formação continuada dos educadores*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual. Araraquara, SP.

Carvalho Filho, E. G. (2018). *Minha vida daria um filme?: Geografias de vida em territórios de corpos, gêneros e sexualidades*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, RN.

- Castaldi, M. J. Z. D. (2012). *Autoformação de formadores de professores: uma construção na relação teórico-prática do “chão” da sala de aula*. São Paulo: Sesi-SP editora.
- Castro, A. A. (2001). *Revisão sistemática e meta-análise*. Disponível em: <http://www.metodologia.org>
- Castro, R. P. (2016). “... ele ficava apavorado e tampava os olhos”: *provocações de um filme atravessando formação docente, sexualidades e religiosidades*. Revista Artemis, v. XXII, nº 1; jul-dez, pp. 43-54.
- Costa, S. G. (2014). *Narrativas audiovisuais e redes de significações sobre gênero e sexualidades nos/com os cotidianos de um curso de formação de professores*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, RJ.
- Crociari, A. (2020). *Infância, Gênero e Educação infantil: percepções e ações na e para a formação inicial do pedagogo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual paulista (Unesp) – Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual.
- Dias Perdomo Júnior, J. (2015). *A temática da sexualidade como geradora de uma proposta interdisciplinar: Contribuições para a formação de professores da rede pública*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências. Santa Maria, RS.
- Faria, Á. F., Faria, P. M. & Ramos, M. A. (2013). *Formação e desenvolvimento profissional docente em rede: entre o presencial e o on line*. Educação em Perspectiva, 4 (2). Disponível em: <https://doi.org/10.22294/eduper/ppge/ufv.v4i2.431>

- Figueiró, M. N. D. (2001). *A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, SP.
- Figueiró, M. N. D. (2009). *Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola*. In: Figueiró, M. N. D. (Org.). *Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL. p. 141-172.
- Figueiró, M. N. D. (2014). *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Londrina: Eduel.
- Figueiró, M. N. D. (2018). *Educação Sexual: saberes essenciais para quem educa*. Curitiba: CRV.
- Finelli, L. A. C., Prates, A.E., Soares, W. D.& Sousa, J. C. (2018). *Educação a distância – EAD na percepção dos discentes*. Multifaces V.1, n.1, p. 28 – 39. Minas Gerais.
- Fischer, R. M. B. *Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas*. Rev. Bras. Educ. [online]. 2007, vol.12, n.35, pp.290-299.
- Freire, P. (1991). *A Educação na cidade*. São Paulo: Cortez.
- Gatti, B. A. (2008). *Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década*. Revista Brasileira de Educação, v. 13, n. 37. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/06.pdf>>
- Gil, A. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas: São Paulo.
- Goldberg, M. A. A. (1984). *Educação Sexual: uma proposta, um desafio*. 2 ed. São Paulo: Cortez.

- Hampel, A. (2013). *“A gente não pensava nisso...”: Educação para a sexualidade, gênero e formação docente na região da Campanha/RS*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, RS.
- Heilborn, M. L. & Brandão, E. R. (1999). *Ciências Sociais e sexualidade*. In: Heilborn, M. L. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Leão, A. M. C. (2009). *Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP.
- Leão, A. M. C; Ribeiro, P. R. M; & Bedim, R. C. (2010). *Revista Linhas*. V.11, n.01.
- Lemes, S. Maia, A., & Reis-Yamauti, V. (2017). *Educação Sexual na modalidade EAD: um estudo exploratório*. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 0 (18). Doi: <https://doi.org/10.22633/rpge.v0i18.9378>
- Libâneo, J. C. (2006). *Didática*. São Paulo – SP, Editora Cortez.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Editora Vozes: Petrópolis, RJ.
- Louro, G. L. (2000). *Corpo, Escola e Identidade*. *Revista: Educação e realidade*. Vol.25, n.02, (59-76).
- Louro, G. L. (Orgs.). (2000). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Louro, G. L. (2008). *Cinema e Sexualidade*. *Educação & Realidade*. V.33, n. 1. Jan-jun, p. 81-87. Porto Alegre, RS.

- Machado, G. E. (2018). *Imaginário social e formação continuada: o olhar para as discussões de gênero, etnia e diversidade sexual*. Dissertação de Mestrado. Universidade federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Educação. Santa Maria, RS.
- Maia, A. C. B. (2004). *Orientação sexual na escola*. In: *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. Ribeiro, P. R. M. (Org). pp. 153-179. Livraria Arte & Ciência: São Paulo, SP.
- Maia, A. C. B. (2020). *Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo – Manual Didático*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Maia, A. C. B. (2010). *Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual*. *Psicopedagogia On Line*, v. 1. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/125065>>.
- Maia, A. C. B.; Ribeiro, P. R. M. (2011). *Educação Sexual: princípios para ação*. *Doxa*, v.15, n. 1, p. 75-84.
- Maia, A. C. B.; Pastana, M.; Pereira, P. C. & Spaziani, R. B. (2011). *Projeto de intervenção em Educação Sexual com educadoras e alunos de uma pré-escola*. *Revista Ciência e Extensão*, v. 7, n. 2, p. 115.
- Maistro, V. I. A. (2009). *Desafios para a elaboração de projetos de educação sexual na escola*. In: Figueiró. M. N. D. (orgs.). *Educação sexual: em busca de mudanças*. EDUEL: Londrina, PR.
- Malta, A. R. (2016). *Games e gênero: as contribuições dos jogos eletrônicos na formação dos pedagogos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica.

- Marola, C. A. G., Sanches, C. S. M, & Cardoso, L. M. (2011). *Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências*. Psicologia da Educação, (33), 95-118. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752011000200006&Ing=pt&ting=pt.
- Martelli, A. C. (2019). *Violência sexual em crianças e adolescentes e suas consequências*. In: Desidério, R. (Orgs.). *Interseccionalidade e transgressões em Educação Sexual*. Londrina: Syntagma Editores.
- Melo, S. M. M.; Freitas, M.; Brasil, C. S. D. (2006). *Uma contribuição à formação de educadores: a inserção curricular da disciplina educação e sexualidade no curso de Pedagogia, modalidade à distância, no CEAD/UDESC*. In: Ribeiro, P. R. M. & Figueiró, M. N. D. *Sexualidade, cultura e Educação Sexual: propostas para reflexão*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora.
- Miguéz, A. C. (2014). *Queerizando o ensino de línguas estrangeiras: potencialidades do cinema queer no trabalho com questões de gênero e sexualidades*. Tese de Doutorado. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, SP.
- Neves, M. B. (2019). *Direito a Educação em Sexualidade na escola*. In: Desidério, R. (Orgs.). *Interseccionalidade e transgressões em Educação Sexual*. Londrina: Syntagma Editores.
- Nóvoa, A. (1999). *Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas*. Revista Educação e Pesquisa, v. 25, n. 1, pp. 11-20. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v25n1a02.pdf>>
- Nunes, C. A. (1987). *Desvendando a sexualidade*. Campinas, SP: Papirus.

- Nunes, C.; & Silva, E. (2006). *A Educação Sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas, SP: Autores Associados.
- Oliveira, L. M. (2018). *Sexualidade: uma proposta metodológica para formação inicial de professores de ciências naturais*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências. Universidade de Brasília. Brasília, DF.
- Pena, A. L. (2015). *Narrativas autobiográficas e formação de educadores sexuais*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências – Universidade de Brasília. Brasília, DF.
- Papi, S. O. G. (2005). *Professores: formação e profissionalização*. Araraquara, SP: Junqueira & Marin.
- Pereira, G. R. (2010). *Decursos educativos e conhecimentos para uma educação sexual emancipatória intencional*. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/2016/1569>.
- Pereira, G. R. (2012). *Mitos e tabus: perspectivas de mudanças relacionadas a sexualidade humana*. In: Reis, M. A. S., & Alevato, H. (Orgs.). *Nexus & Sexus: perspectivas instituintes*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ.
- Pola, L. C. A. G. (2018). *Sexualidade humana e Educação Sexual: elaboração e análise de formação continuada para professores/as do ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual. Araraquara, SP.
- Rabelo, A. O., & Ferreira, A. G. (2013). *Formação docente em gênero e sexualidade: entre semelhanças e diferenças luso-brasileiras*. In: Rabelo, A. O., Pereira, G. R., & Reis, M.

- A. S. (Orgs). *Formação docente em gênero e sexualidade: entrelaçando teorias, políticas e práticas*. Petrópolis, RJ: De Petrus ET Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ.
- Rhoden, V.; Silva, J. D. & Oliveira, V. M. F. (2019). *O documentário como instrumento na educação para combater o preconceito de gênero: o caso Maria Luisa*. *Holos*, Ano 35, v. 1, e7789.
- Ribeiro, M. (2020). *Educação em Sexualidade: conteúdos – metodologias – entraves*. Rio de Janeiro: Wak Editora.
- Ribeiro, P. R. M. (2013). *A educação sexual na formação de professores: sexualidade, gênero e diversidade enquanto elementos para uma cidadania ativa*. In: Rabelo, A. O., Pereira, G. R., & Reis, M. A. S. (Orgs). *Formação docente em gênero e sexualidade: entrelaçando teorias, políticas e práticas*. Petrópolis, RJ: De Petrus ET Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ.
- Ribeiro, P. R. M. (2005). *A sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos*. In: Bortolozzi, A. C.; & Maia, A. F. (Org). *Sexualidade e infância*. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, p.17-32.
- Ribeiro, P. R. M. (2019). *Desafios contemporâneos em Educação Sexual: a perda do ambiente mental, social e escolar*. In: Desidério, R. (Orgs.). *Interseccionalidade e transgressões em Educação Sexual*. Londrina: Syntagma Editores.
- Rodrigues, S. S. R. (2017). *Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: proposta interventiva e assessoramento para projetos de educação sexual em Abaetetuba – PA*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual. Araraquara, SP.

- Rodrigues, V. A. S. (2015). *Educação Sexual: Práticas pedagógicas em aulas de Ciências de escolas da Diretoria de Ensino de Votorantim/SP*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba. Sorocaba, SP.
- Rodrigues, A. R. F., & Salles, G. D. (2011). *Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas*. Londrina, PR.
- Rohden, F. (2009). *Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor*. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 136, jan-abr.
- Rossi, C. R. & Freitas, D. L. (2014). *As tecnologias de informação e comunicação – TIC na formação de professores(as) em Educação Sexual: o caso das E-Oficinas na I COES*. Educação: Teoria e Prática, v. 24, n. 45, p. 98-118, jan-abr, Rio Claro- SP.
- Rother, E. T. (2007). *Revisão sistemática X revisão narrativa*. Acta Paulista de Enfermagem, v.20, n. 2, abr-jun. São Paulo, SP.
- Santos, R. C. F. (2011). *Violência sexual e formação de educadores: uma proposta de intervenção*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, SP.
- Senra, L. X. & Lourenço, L. M. (2016). *A importância da revisão sistemática na pesquisa científica*. In: Baptista, M. N. & Campos, D. C. Metodologias de pesquisa em Ciências: Análises quantitativa e qualitativa. LTD Editora: Rio de Janeiro.
- Silva, R. D. (2020) *Educação audiovisual da sexualidade: uma proposta metodológica para análise e estudo de imagens e sons*. **Travessias**, Cascavel, v. 14, n. 1, p. 354-370.

- Silva, R. D. (2015). *Educação Audiovisual da Sexualidade: olhares a partir do Kit Anti-Homofobia*. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP.
- Silva, C. S. F., Brancaleoni, A. P. L., & Oliveira, R. R. (2019). *Base nacional comum curricular e diversidade sexual e de gênero: (des)caracterizações*. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v.14, n.2, pp. 1538-1555. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12051/8347>.
- Souza, A. P. & Milani, D. R. C. (2020). *Como pais lidam frente à necessidade de orientação sobre sexualidade nas escolas*. In: Da educação básica ao ensino superior; Os desafios dos docentes no século XXI. Rocha, A. R. A. & Silva, D. (Org.). pp. 72-78. Uniedusul – Maringá, PR.
- Tadielo, F. N. M. (2013). *Oficinas como dispositivo na formação de professores: produção discursiva sobre sexualidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação em Educação. Santa Maria, RS.
- Teixeira, F. (2012). *Educação em sexualidade em contexto escolar*. In: Reis, M. A. S., & Alevato, H. (Orgs.). *Nexus & Sexus: perspectivas instituintes*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ.
- Vieira, M. I. S. (2015). *HPV e a escola [manuscrito]: as concepções docentes e a construção de uma proposta colaborativa de formação continuada para professores do ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciência Exatas e Biológicas. Mestrado profissional em ensino de Ciências. Ouro Preto, MG.

